certas qualidades de artista e ainda actualmente desviado dos seus estudos no Instituto de Agronomia por efeitos duma chamada ao regimento de Artelh.ª de Abrantes onde é 1.º sarg.to cadete. Acho-o um rapaz interessante se bem que não saiba definir bem o que ele é. Parece-me ter saudade qualquer desvio anormal; e se assim é, só ha que lastimar.

Abrantes.

Abril: 16.

Extracto duma carta que mandei ao Augusto Bivar Salgado, actualmente em Caxias, no curso f.ª coronel. Trata-se das nossas futuras colocações:

«.... A respeito da tua situação futura, não te afoguentes muito. Como falas te eu ir para Evora estava, a esse respeito, tranquilo; mas pela tua carta vejo que mantens a vontade de ser aqui ficares. Pois, meu caro Salgado: não tenho alma de te deixar ir para Loupe podendo eu dar-te o Lupar. Em Leiria dão-se bravamente duas sopas e no fim do ano em Penafiel idem idem; desta terra ainda ontem recebi lembranças dos amigos que lá deixei; [illegible], para aquela gosta-

ria de ir por ser muito prox.º de Coimbra. Compreendes bem que não tenho interesse especial em ficar em Abrantes — salvo o ambiente de simpatia e até amizade que aqui sinto á m.ª volta. Mas tudo se arranja com proveito para ambas as partes... Lá mais para deante irêmos os dois falar ao Casimiro Teles — a menos que não tenhâmos que ir para os quintos do Inferno em holocausto aos deuses Hitler e Mussolini. — Trata com serenid.e dos têmas, não te adeantes muito nos contactos e deixa andar o mundo que, afinal, talvez não ande tão mal como os maldizentes afirmam. — ....»

Abrantes.

Abril: 20.

Da Grande Enciclopedia recebi ha dias uma nota de crédito que me dá por credor de 135$00, importancia arbitrada pelo meu artigo Aljubarrota.

Enfim... já não é mau. Em Portugal é assim mesmo.

Hoje vem comunicação da empresa para eu indicar quais os assuntos de que desejaria tratar para futuro.

Respondi com a seguinte carta:

«Exmo Snr.: Recebi agui a nota de V... que me convida a indicar os termos que eu preferiria tratar até ao fim da letra A. Agradeço a atenção e desde já indico o combate dos Atoleiros, assunto que trataria com o mesmo criterio com q. tratei o de Aljubarrota. Não indico outro ou outros porq. estou actualmente colocado em Alvaiazere onde tenho pouca facilidade de trabalhar com proveito. — Recebi ha dias a nota de credito nº 436 q. igualmte agradeço e aproveito a oportunidº para solicitar a informação relativa á melhor maneira de receber a importancia. — Aproveito ainda a oportunidº para informar VV.. de que não sou professôr nem doutôr como as capas da Enciclopedia e os rescritos da empreza me tratam; sou simplesmte oficial do Infant.ª colocado na guarnição de Alvaiazere ha meio anno, cheio esperanças de melhór sorte. Disseram-me bastante as honras mas o pão a pão dôno. — Espero, etc. etc.»

Alvaiazere.
Maio: 2.

Da Enciclopédia, em resposta á carta supra disseram-me que o artigo

Soleiros seria feito pelo António Sérgio mas que dissesse eu o que queria escrever sobre outros assuntos.

Logo vista disso mandei uma relação em que iam os seguintes nomes:

«Asseiceira, combate em Maio de 1834; — Boialvo, manobra ou caminho de, em Setembro-Outubro de 1810; — Buçaco, batalha em Setembro de 1810; — Casal Novo, combate em Março de 1811, na retirada dos franceses; — Cruz dos Moraiços, combate, em junho de 1828; — Foz d'Arouce, combate em Março de 1811; — Ponte da Murcela, idem idem; — Redinha, idem idem; — Valverde, combate em 1385; — Vila da Praia, acção em Agosto de 1829.» —

Disse que me encarregaria de tudo quanto dissesse respeito a Miranda do Corvo e que desejaria tratar dos métodos ou sistema militar do marechal Saldanha... quando lá chegássemos.

E daqui até lá, não nos dói a cabeça como diz o Povo.

Heraldes.

Maio: 10.

Deixo arquivados, por curiosidade e como lembrança, dois editais que, com o meu nome correram variados

concelhos desta região ribatejana. Sobre de mim! que vou lembrar ás gentes o cumprimento duma imposição da lei que, em geral, vai prejudicar quási todos... (1)

Mas enfim, é assim mesmo.

Alcantes.

Maio: 14.

Antigo Salazar tomou finalmente conta da pasta da Guerra — e levou para sub-secretário o Santos Costa seu ex-fogo assessôr militar, já em Coimbra, no tempo em que nas agremiações ultra-nacionalistas se forjava a gloriosa revolução nacional.

Estivemos ao almoço, eu, o general Franc.º Bernardo do Canto e o seu ajudante, o comand.te do regimento 2, o coronel José M.z Vale de Andrade e o major do mesmo Herculano do Amaral, quando os jornais chegaram com a notícia. O general leu, em voz alta, as letras grandes do noticiario; e quando leu q. o tenente Fernando dos Santos Costa era o sub-secretario, dobrou lentamente a gazeta e disse talvez sem querer, mas sinceramente,

---

(1) Arquivados no fim do vol. a pag. 396-97.

uma simples frase que, estou convencido, seria dita em quasi todo o exercito:

— tem poucos galões...

E serenamente continuou a almoçar e durante certo espaço não falou.

A frase do general tem m.to que se lhe diga. E aí fica para a Historia — tanto mais que, pelo que conheço do Santos Costa ele poderá vir a ser, verdadeiramente, o «vilão com a vara na mão...»

Ora amigo Salazar, na posse do cargo, fez discurso sêco, agressivo, como em regra os faz desde que se julga dôno do país que o deixou subir sem condições ou limitações.

Mas ainda o melhor é o discurso do Morais Sarmento, o anti-clerical, o suspeito de maçon, que quasi de cócoras louva o patrão e se confessa creado venerador muito obrigado.

Conservo o discurso como vem nos jornais; parece ter sido lido — pois não quizesse o diabo que a improvisação désse asneira. E' documento de servilismo completo p.a quem foi corrido de ministro da Guerra, segundo dizem, por causa do seu espirito liberal.[1]

---

[1] Fica no fim do vol. a pag. 396

Que mais teremos que ver, oh Supremo Arquitecto?...

Esta semana foi fertil em visitas de generais; a pacata Abrantes abrigou em seus muros nem mais nem menos do que tres.

Na 2ª feira chegou o general da Região, Lacerda Machado; na 3ª feira o director da Infant.ª Francisco Bernardo do Canto; e na 4ª feira o director da Artelharia Silva Bastos.

Foi uma fartura que se traduziu na laracha da «Semana dos Generais...» e eu tive que andar nestes dias fardado a serio e em cortesias continuadas.

O Lacerda Machado, homem distinto de maneiras, ar avelhentado, manteve sempre a sua linha de general; mas agora que o vi e ouvi de perto, fiquei com a impressão de que é um banal ou um vasio e de que o nome que tem se formou á custa de ter um olho nesta terra de cégos. Fala sempre ex-catedra, com ar doutoral e diz as maiores banalidades com a imponencia delicada de pessoa de boas maneiras. A cavaqueira, á noite, no hotel, versou quasi toda acerca da lingua portuguesa, abastardada

constantemente pelos jornais e livros; falou, falou, no meio da admiração dos oficiais circunstantes que não sabiam que tudo o que ouviam era reprodução dos ultimos artigos do Ricardo Jorge no Diario de Noticias ... Não lhe ouvi nada de novo ou de original; era tudo ciencia de periodicos. Mas a maneira de o dizer, o ar distinto e afirmado, a aparencia de quem expõe verdades reveladas !...

É assim que se instrui a humanidade ignorante. No dia seguinte, diziam-me dois majores que assistiram á conversa:

— Muito culto é este nosso General!

O Francisco Bernardo do Couto, açoreano, bonacheirão, gorducho, é o homem do caso concreto, isto é: o general que mais sabe de assuntos teoricos que se ligam com resolução de problemas. É, na especialid.e, seu favôr, um mestre. Tem maneiras cativantes, agrada nos interrogatorios, sabe orientar uma discussão ou quistura uma ou outra anedota ou qualquer simile engraçado. Pôe toda a gente com quem trata, logo de entrada, á vontade. Mas a cultura geral é, mele, extraordinariamente reduzida é um pouco rethaco.

O Silva Bastos, o Bastinhos, pequeno, muito bem fardado, ar fino e distinto, expressão de muito inteligente (que realmente deve ser) é, actualmente, na política, uma das forças opostas ao ilustre Salazar. É o mais novo, em idade, dos generais; sabedôr, ambicioso, insinuante, tem atitudes de general apesar da sua pequena estatura. Foi ministro da Guerra com o Sidonio Pais e dizem que é reaccionario, no que, diga-se de passagem acompanha quasi todos os colegas.

Foram tres generais, como se viu, que visitaram Alcantara. Deram para uma Gaia com letra do Julio Dantas...

Alcantara.

Maio: 28.

Celebra-se ruidosamente por todo o País o anno décimo (ou "Anno X", á maneira da Revolução) do movimento de 28 de Maio de 1926 — ou seja de regimento nacional por meio do Exercito...

Vou talvez começar a escrever algumas memorias dos sucessos varios de então para cá; mas agora, como prologo e sintese, deixo aqui a gravura

que surpreendi hoje no Diario de Noticias e que é flagrantemente simbolica : um bispo (o velhaco Antonio Maireles, do Porto) abraça o presidente do Governo e ministro da Guerra com sorriso na expressão que os mundos... O outro, com o ar acanhado de sempre, tambem sorri mas em atitude de quem se quér esquivar para não haver comprometimento em publico...

O sr. Presidente do Conselho e o sr. Bispo do Porto despedindo-se

A espada e a Igreja, sorridentes, como se vê, dão-se os braços para maior e melhor gloria de Deus!...

Já lá vão dez anos. E o chefe, o Patrão, anuncia mais outros dez!

Não é, pelos vistos, plano quinquenal, á maneira russa: é plano decimal, á maneira romana.

E o mais interessante na gravura q. aí fica é o ar de afrontada satisfação que se vê nos oficiais generais á volta, a conformidade com aquele abraço monstruoso, a impressão de o exercito a babar-se de gôso perante a carícia da Igreja...

...e a baixeza moral de pigmeus que as circunstancias elevaram e por esse motivo se julgam dignos da passagem á Historia...

Alcantes.

Maio: 30.

Com a subida de monstre Salazar á pasta da Guerra (até que enfim, caramba!) anuncia-se grande reforma quer na organização quer nos costumes.

Espero novo limite de idade e com ele a m.ª saída do serviço activo definitivamente. Ficarão só os bons, e nessa altura teremos exercito capaz de sustentar este imperio... romano.

Alcantara.

Junho : 4.

Ha dias, em Coimbra, encontrei ao Dr. Conde de Almedina, o Dr. Joaquim de Carvalho. Muita festa para a festa e, a certa altura, desfechou-me com isto:

— O meu Serpa fez-me agora muita falta...

E explicou que, como tem escrito os ultimos capitulos da Hist.ª de Portugal do Dr. Damião Peres, queria ouvir-me acerca dos sucessos militares das lutas de 1846 a 1847 nomeadamente acerca das acções de Torres Vedras e Alto do Viso; que tem certas duvidas quanto á acção de Valdarrilha, etc. E assim queria que eu lhe fizesse uma exposição da acção militar do marechal, do conde do Bomfim, do Antas, do Sá da Bandeira, etc.

Fiquei algum tanto atordoado com a amabilid.e mas disse, depois, de mim para mim:

— Ora aqui está p.a que eu sirvo... Os outros são encarregados dos trabalhos remunerados (e bem remunerados); eu dou explicações de graça sobre certos capitulos e nem ao menos seria citado como poderá parecer de elementar cortesia, se não fosse de agradecimento.

A honra e o proveito é bem certo não caberem no mesmo saco segundo a sabedoria das nações. Mas, neste caso, nem uma nem outra caberiam...

Abrantes.

Junho: 18.

Ha dias o Bivar Salgado de quem aqui falei acerca das suas pretenções ao regim.to de Infant.e 2, de Abrantes, foi a Lisboa falar ao general Casimiro Teles e levou carta minha explicativa.

O Salgado foi e já voltou e me disse que o Teles tomou a devida nota e prometeu o melhor interesse.

Seria promessa a sério e a valer?... Ele é tão velhaco!...

No entretanto escrevi-lhe a agradecer e a informa-lo de que o Lacerda Machado recebia bem o meu proposito de ir comandar Infantaria n.º 7.

E na verd.e recebi comunicação do ten.te coronel Alfredo Ernesto da Cunha, chefe do Est.º-maior da Região que informa do general Lacerda Machado ver «com muito interesse» a minha colocação no regimento n.º 7.

Daqui nasceu uma outra carta; entendi que devia agradecer ao general Lacer-

da a prova de confiança. Assim fiz em epistola bréve e concisa.

E pronto.

Esperêmos os acontecimentos.

Abrantes.

Junho: 21.

Depuz hoje, por escrito, numa sindicancia que o coronel Cesario Viana veiu aqui fazer; o depoimento foi este:

« Assisti ao exercicio final dos recrutas do Grupo mixto independente de Artelharia montada nº 24 que foi feito conjuntamente com o batalhão de recrutas do regimento de Infª nº 2, em 26 de Maio p.p. se me não engano. Fui convidado para o almoço dos oficiais das duas unidades e, depois deste, cerca das 16 h. retirei para Abrantes em companhia do Exmo. Comandte. militar. — Não presenciei durante o exercicio e durante o almoço q. decorreu em ambiente de mutua simpatia, de camaradagem e correcção, qualquer acto praticado pelo sr. ten. coronel Elisio Mario dos Santos Lobo que brigasse com o brio e decôro militar — pelo contrario, como oficial mais antigo dos que concorreram aos exercicios foi de es-

trema auxiliar e delicadeza p.ª mim e mais oficiais do Distr.º de Recrutam.to e Reserva que me acompanharam. — Se fóra das m.as vistas antes ou durante os exercicios qualquer facto menos correcto se deu, não tive dele qualquer conhecimento directo. — (a) L.P. »

Foi o caso que, no tal dia 26 de Maio, o ten.te coronel Elisio Lobo embebedou-se com aguardente e portou-se, em frente de tropas, como qualquer bebedo vulgar. Um escandalo. Os oficiais do Grupo de artelh.ª fizeram uma deligencia por intermédio do major de Inf.ª 2 Herculano Cardoso do Amaral, seu amigo intimo, p.ª ele não voltar ao comando. O Lobo caiu em si e pediu transferencia.

Porem, uma carta anónima com todas as circunstancias, caiu no Ministerio da Guerra ao mesmo tempo. A coincidencia deu certa veracid.e á denuncia e daqui a sindicancia que o Coronel Viana veiu fazer.

O Elisio Lobo, realmente, é ureiro e mureiro no uso e abuso da aguardente. Um vicioso.

Resumo: porcaria.

Ponte de Sôr.

Junho: 29.

Começo hoje a romaria ás cabeças de concelho que constituem o meu Distrito de Recrutamento — para as inspecção aos mancebos que terão de vir servir a Patria nas fileiras do Exercito...

Aqui ando durante semanas de terra em terra. Deixarei impressões da passeiata em outro volume, mais circunstanciadamente.(1)

Coimbra.

Julho: 7

Vim a Coimbra num intervalo de inspecções. Apanhei restos de festas á Rainha Santa. E pelo q. li nos jornais e pelo que ouvi, os festejos foram formidavel manifestação reaccionaria. O clericalismo andou de rabo alçado nesses dias, exultante, como dono de tudo isto.

E na verdade não se engana. E' o dono de tudo isto.

E o Exercito baba-se de gôso... Foi ele o instrumento de que se serviu a Reacção p.ª a obra do 28 de Maio — e não percebe

---

(1) Nos Passeios e viajatas. Notas ligeiras, vol. II, pag. 271 e seg.tes

que foi lagrado, e afirma pelos seus galões e estrelas que tudo se deve a ele...

Enfim... Deve estar reservado ao Exercito o sossego do Reino dos Céus.

Portalegre.

Julho: 1o.

Recebi hoje de manhã, carta do Alfredo Ernesto da Cunha, chefe do Estº-maior da Região. Manda-me copia da proposta do General Fª eu ir comandar o 7 de Leiria. É dirigida ao ajudante-general e consta apenas do seguinte:

«Proponho para comandante do regimº de Infantaria nº 7 o coronel chefe do D. R. R. nº 2, B... P... quando naquele regimento se dér a respectiva vaga pela saída do coronel Allino Candido Pinheiro ~~Fon~~ de Castro. — O Comandante da Região — (a) Francisco Soares de Lacerda Machado, general.»

Os termos são, o mais possivel, regulamentares; mas Fª o efeito chegam muito bem.

O Carmiro Teles será capaz de roer a corda?...

Niza.

Julho: 20.

Ao chegar hoje aqui, chegaram tambem os jornais de Lisboa que traziam as noticias frescas.

O Diario de Noticias affirma o triumfo do exercito "nacionalista" em Hespanha, pelo menos faz ardentes votos por isso... E percorrendo, por alto, as noticias, deparei com uma que recortei e deixo archivada no fim do volume.(1) E' um documento excellente da tolerancia militar e da tolerancia dos nossos visinhos hespanhoes.

E basta.

Acerca da guerra civil que brameja em Hespanha é melhor nada dizer.

Por causa das duvidas.

Coimbra.

Julho: 24.

Vim hoje de Alhandra pela estrada de Tomar a Leiria, e de Leiria a Coimbra.

Percurso variado, a mudar constantemente de aspectos na paisagem: a margem do Tejo até Constancia, a travessia do Zezere, parte da charneca de Tancos, os terrenos arenosos a norte, a baixa fertil

(1) A pag. 396.

do Alviela até Tomar; depois, a passagem para os terrenos pedregosos de Chão de Maçãs, a descida ao vale da ribeira de Boiça até Vila Nova do Ourem e d'aí por deante até outra serra pedregosa além da qual, em vale acanhado, se passa por Fátima...

E realmente passei por Fátima!

O local é de molde a fazerem-se reparos. Tão alta anda a fama da Cova da Iria que não se passa por ali sem que a memoria fixe o que viu...

Julguei aquilo maior. A impressão que me deixou o conjunto de construções foi inferior á que esperava. Sem querer lembrei-me de Lourdes; pareceu-me aí ha muita preocupação de imitar o celebre santuario francês; e se conseguem erguer a basilica (cujos fundamentos anunciam coisa grande) e arborizam aquela região pedregosa e lhe tiram o aspecto árido, a estancia ficará, com efeito, de alguem valor.

Religião e turismo.

Mas... pareceu-me o espaço acanhado. Talvez esta impressão viesse por não sair da carrinheta e não ter, por isso, ensejo de fazer comparações. É certo,

foram, que se é acanhado materialmente, é vasto, vastíssimo, incomensurável, para a exploração que dele fazem.

Devem ali caber muitos e muitos intrujões e... intrujados.

Chamusca.

Agosto: 13.

Na modesta hospedaria onde ficámos durante estes dias de peripécias oficiais, encontrei uma família cujo chefe, o Sr. Palet, é espanhol; a consorte, portuguesa; e três filhas novas, muito garotas, mas lindíssimas.

Vivem em Lisboa, são ricos e estão aqui a ares.

Ora ontem, ao jantar, o aparelho da rádio da casa, dava notícias de Espanha. A família Palet ouvia com atenção e comoção, como gente rica q.e se preza e que dá ares de grande senhoria. Quando a locutora da Emissora anunciou o fuzilamento de dois generais revoltosos em Barcelona, as três raparigas coberam a cara com as mãos finas e cheias de anéis para a pequir, com ar compungido, tomaram atitude de quem reza.

E deviam ter rezado qualquer oração; e se, de entrada, me ia comovendo essa

atitude piedosa, logo veiu a lembrança de que esses padres-nossos resados pelos generais nacionalistas, não o seriam pelas massas operarias mortas pelo exercito espanhol; e tambem me lembrei de q. tudo aquilo era simplesmente snobismo, mero "bom-tom" de gente fina.

Por fim lastimei essas raparigas tão gentis e galantes, possivelmente nada apetrechadas para a vida — a não ser com os seus atrativos fisicos; e na verd.e a trovoada social que se aproxima deve causar-lhes medo tremendo.

A' noite, ao ouvirem-se novas noticias da luta em Espanha, uma dessas raparigas, quasi com lagrimas nos olhos, deixou cair esta frase que, embora a meia voz, foi ouvida por todos:

— Se eu podesse matar todos os comunistas... matava-os.

Pobres pequenas.

... O que elas não souberam é que eu, ao ouvir a noticia do fusilamento dos generais, não rezei padres-nossos mas o bocado que comia enrolou-se-me na garganta. A comoção repentina ia-me perturbando a digestão.

Selvagens! pensei eu. Aqueles espanhois hão-de ser sempre assim. A vi-

da humana tem para eles pequena valia. Com o mesmo aplauso com que nas praças de toiros matam os animais, assim nesta luta civil se matam uns aos outros.

Selvagens!

Entroncamento: estação dos caminhos de ferro.

Agosto: 28: 23 horas.

Ao fazer horas para a ida até Alcanena, neste fadario das inspecções, e ao tomar uma chicara de chá, tenho ouvido pelo aparelho de radio do refeitorio da estação, os discursos do comicio contra o comunismo — comicio monstro como as gazetas lhe chamam.

Quanto aos discursos, o caso tem pouca importancia: os homens falaram, faláram, insultaram, mas nada disseram de concreto sobre a tão atacada doutrina. Muita berraría, m.to vivorio, alguns morras á mistura, saudações ao Exercito na pessoa dos cadetes da Escola que comandavam as formações fascistas, etc. etc. O que me impressionou foi o ajuntamento que se formou ás portas do refeitorio, de ferro-viarios de varia espécie contidos por dois policias. Eram car

regadores, agulheiros, fogueiros, as varias classes inferiores ou menores da Companhia — muito atentos, com expressões contraídas, duras; havia olhares trocados de repente, cautelosamente, entre uns e outros, a qualquer passo mais violento dos discursos; notei certos movimentos do corpo, instintivos, que denotavam mal estar; um ou outro franzir de testa de vês em quando, sinto mudos.

Enfim, um quadro vivo e autentico do que se passava naqueles corações mais ou menos rudes, ali contidos pelas circunstancias, a procurarem manter-se com ar de indiferença — quadro que me não escapou nem de certo escaparia a qualquer observador que tivesse olhos.

Dentro do refeitorio, burgueses e funcionarios sorriam atentos, com ar beatifico de satisfação intima, todas aquelas alejurgatorias pôres e seus valor contra a avalanche social.

Eu bebi o chá, aos goles pequenos, reflexionando acerca dos dois aspectos daquele palco onde surpreendi o drama: o proletario, mais ou menos rude, inculto, contido pelo aperto das circunstancias; a burguesia tranquila, menos mal

tratada, confiante na manutenção inalteravel da Ordem...

Abrantes.

Setembro: 2.

Recolhi hoje, oficialmente, a Abrantes, com o serviço das inspecções terminado. E não sei se deixe aqui ligeiras impressões acerca dele...

Depois de dois mêses e meio deste serviço, fiquei com uma ideia desagradavel. Parecia-me que o acto da escolha e alistamento de mancebos p.ª o serviço militar deveria revestir-se de certo ar, não direi soléne mas, pelo menos, concertado e agradavel. Ora em todo o percurso dos concelhos tudo se revestiu da mais prosaica e por vêres mesquinho aspecto.

Os rapazes despiam-se em cubiculos ou casas pequenas onde o ar se tornava dentro em pouco irrespiravel, porque as Câmaras não teem instalações apropriadas para este serviço. Vinham para as mensurações em grupos; e a nudez em conjunto dava-lhes ganas de comentarios irrespeitosos e remoques ou larachas apimentadas; depois, a um e um, entravam p.ª a inspecção individual e essa entrada

muitas vêzes tinha, p.ª mim, aspecto desagradavel, pois alguns deles, mais broncos ou menos afeitos a convivencia, transpunham a porta ~~de~~ com olhos espantados, desconfiados, como animal selvagem lançado de repente a uma arena cheia de inimigos.

O interrogatorio da identificação, mera e inutil formalid.e, era para muitos, motivo de espanto e as respostas vinham a custo, como arrancadas á força.

No fim, depois da decisão e da entrega da resalva aos isentos, vinha o juramento para os apurados — outra formalidade inutil em país livre, mas que no nosso tem grande valor, o valor de todas as formulas sem valor... Eu cumpria-a como manda o regulamento, mas dava-lhe, ainda assim, a solemnidade que lhe podia dar em cenario tão pequeno. No meu intimo ficava-me a certeza de que os ajuramentados não compreendiam o acto e se o compreendiam não lhes ligavam importancia — no que, diga-se a verd.e, tinham alguma razão.

Todo este serviço, afinal, obedeceu á mecanização burocratica. O impulso vem de traz, de ha 25 anos, conta redonda; e de tal forma impera nos que o cumprem

que reparei nos movimentos do secretário, quasi pitorescos, automáticos, com os carimbos, com as verbas p.ª lançar, com as frases sacramentais que se via obrigado a dizer; e quando esse automatismo esmorrava por qualquer motivo (muitas vezes por m.ª causa) o tenente que se chama Franc.º de Oliveira Coelho vinha modos diferentes, um pouco de espanto e um pouco de protesto...

A maquina estava montada e tinha de andar sempre! O impulso era velho e a inercia fazia-a mexer com precisão.

Outra causa da m.ª impressão desagradavel, eram os modos terrosos do médico. O dr. Amilcar da Piedade Marques é serio, muito serio até e tem uma concepção rigida ácerca de pedidos p.ª casamento de mancebos. E essa maneira de ver leva-o á parca ou nenhuma cordialidade p.ª com os rapazes, a quem vulgarmente trata por tu e dava classificativos desprimorosos.

Assim, os rapazes obrigados ao recenseamento deveriam ter uma impressão nada agradavel no primeiro contacto com o exercito que m.ta gente lhes dizia ser o extremo maximo da nação. Falta de certa seriedade e de certa gravidade do acto; mas

dos brutos do medico que deveria ser carinhoso; impressões más do tenente e do sargento que deverão ser os seus futuros superiores; só eu lhes falava paternalmente e procurava tirar tanto quanto possivel o máu efeito da recepção.

E quero crer que, ſª recrutas, este acto de primº contacto com a vida militar poderá ser decisivo.

Mas essa minha atitude paternal cheguria ſª compensar?: E' certo que, ás vezes, nas varias localidades, alguns rapazes afastados, quando me encontravam nas ruas, saudavam-me com certa expressão alegre; e eu queria ver nessa atitude algum reconhecimento. Mas seria assim?

O certo é que essa tropa fiada de 2125 rapazes que inspeccionámos, me deixou a impressão de que não poderemos ter qualquer especie de aleidades enquanto os serviços forem tão mesquinhamente cumpridos. A entrada desses rapazes na vida deve deixar rinco desagradavel. O exercito é aquilo? Aqueles modos brutos? aquela maquina de que não conhecem o funcionamento? aquela multidão de papeis com carimbos de varia especie? Aquela grosseria da rudez em

comum? a suspeita de favoritismo para a isenção do serviço deste ou daquele?

Por curiosidade deixo aqui dois mapas ou quadros:

Concelhos	Recenseados	Inspeccionados	Apurados	Isentos	Adiados	Percentagem
Alenquer	334	305	118	181	6	38,5%
Alcanena	134	119	44	75	—	36,9%
Alter do Chão	86	77	36	41	—	46,7%
Castelo de Vide	65	65	25	38	2	38,4%
Chamusca	127	110	62	48	—	56,3%
Constancia	27	22	8	14	—	36,3%
Crato	69	59	25	34	—	42,3%
Gavião	104	99	50	49	—	50,5%
Golegã	47	44	24	20	—	54,5%
Mação	183	153	58	94	1	37,8%
Marvão	71	54	15	39	—	25,9%
Niza	194	177	80	92	5	45,1%
Ponte do Sôr	158	136	50	83	3	36,7%
Portalegre	250	211	70	140	1	33,2%
Sardoal	73	67	26	41	—	38,8%
Torres Novas	351	284	128	154	2	45%
Vª Nª do Barquinha	75	56	24	32	—	42,5%
Vila de Rei	93	87	41	45	1	47,1%
Total:	2:441	2:125	884	1:220	21	41,6%

Por este primeiro quadro vê-se o movimento da Junta: 2:125 inspeccionados, dos 2441 que estavam recenseados. A percentagem geral no apuramento

Concelhos	Pedidos	Isentos	Apurados	Adiados
Alenquer	4	3	1	
Sardoal	9	7	2	
Constancia	1	1	—	
Ponte do Sôr	1			1
Alter do Chão	—			
Crato	—			
Portalegre	5	4	1	
Marvão	—			
Castº de Vide	—			
Niza	—			
Gavião	1	1		
Mação	2	2		
Vila de Rei	3	1	2	
Vª Nº da Barquinha	—			
Chamusca	3	2	1	
Golegã	4	2	2	
Torres Novas	10	3	7	
Alcanena	4	2	2	
Total	47	28	18	1

é pequena : apenas 41,6% — o que indica decadencia da raça. E acerca disto ri-se com o medico algumas conversas.

Pelo segundo quadro, o da pag.ª anterior, fixa-se apenas uma simples curiosidade aliás inerente a estes serviços : a dos pedidos para isenção.

Como se vê não foram muitos e, diga-se a verd.ª, alguns pedidos foram feitos para apuramento.

Os concelhos de Torres Novas e Sardoal foram os que mais se manifestáram. No entretanto a totalid.ª se se comparar com o que sei que acontece em Coimbra e em Aveiro é insignificante para não dizer quasi nula.

Para 2125 rapazes os pedidos foram 47 : o que dá 1 empenho para 45,2 rapazes ou seja a percentágem de 2,2%. E é curioso reparar que foi no Alentejo que a costumeira se não manifestou, o que já não acontece na margem direito do Tejo. E a diferença é grande, não só nisto mas em muito mais.

Enfim, terminei a tarefa que se me afigurou por vêzes e bastante, teve a vantágem de me dar a conhecer terras e costumes que não conhecia. São as compensações da vida.

é apara outro assunto.

A nota do Comando da Região que informa da m.ª colocação no regimento de Inf.ª 7 é a n.º 1215/2 de 22 de Julho.

Diz ela que o ministro aprovou a proposta do general «para que seja colocado no R. I. 7 ficando ali ocorrer vaga, o coronel F. ...»

Estão, pois, eleito como se diz em linguagem eclesiastica. Falta a colação p. poderá ficar sem efeito se assim convier aos altos interesses do Estado Novo.

Abrantes.

Setembro: 4.

Tive aí, agora, como comandante militar da localid.ª, um caso curioso.

O posto da Guarda Fiscal de Montalvão (conc.º de Niza) comandado por um sargento, solicitou a prisão de [redacted] um homem que deveria vir ao meu Distrito legalizar a sua situação militar. No telefonema diz-se que é «um comunista perigoso» e na confirmação oficial diz-se que o homem se bateu contra os falangistas de Badilho, tupar fronteiro a Montalvão.

O rapaz, em virtude de tal informação, ficou entregue á Guarda N. Republicana e á ordem da Policia internacional do

posto fronteiriço da Beirã, junto de Marvão.

Desgraçado dele! Naturalmente, como tem acontecido a muitos, será entregue aos falangistas que o matarão imediatamente, sem fórma de processo. E é assim que em Portugal se mantem a neutralidade perante a luta civil de Espanha.

E por mera curiosidade deixo adiante arquivado o papelucho em que se transmitiu o telefonema do posto de Montalvão e recebido pelo oficial de serviço no regimento de Infant.ª nº 2. E o papelucho servirá p.ª provar no futuro que o mêdo do comunismo fazia dispensar formalidades ou até simples mostras de educação vulgar.(1)

Abrantes.

Setembro: 10.

Em 8 deste mês, em Lisboa e a bordo de 2 navios de guerra, houve qualquer movimento insurreicional. Pelas comunicações feitas pelo governo nos jornais e por outras dadas oficialmente para aqui, fiquei com a impressão de que o caso foi muito bem planeado e executado para

(1) No fim do vol.º a pag.ª 397.

mostrar com exuberancia a este mundo e ao outro, o bom funcionamento da maquina da Ordem.

Seria assim?...

Que diabo! A Humanidade é fraca e nestas ditaduras da "Ordem" tudo se póde fazer... Até parecia que se tratava de uma demonstração!...

Mas adeante.

Ontem, estive todo o dia de prevenção na m.ª secretaria, por causa da tal insubordinação de marujos.

Ao sentir passar um avião da base da visinha Tancos, não sei se em vigilancia ao comunismo de Abrantes se por mero vôo de treino — eu lembrei-me da ordem confidencial que ha no comando m.ar para se averiguar tanto quanto possivel que especie de avião é quando passar por de cima da localidade. Não sei a que obedece tal disposição; o certo é que os oficiais de dia ás duas unidades locais andam de binoculo a tiracolo para que, ao roncar dum motor aério, deitem logo as lentes inquiridoras para o espaço azul.

E' um divertimento como outro qualquer e não faz mal a ninguem.

Ora na ociosid.e dum dia quasi preso na secretaria, tive a ideia de fazer uma versalhada dirigida ao Augusto Bivar Salgado que já está a comandar o regimento de Infantaria — para, ao menos, dar uma nota alegre e de boa disposição nesta miséria triste em q. se vive.

Aqui fica p.a memoria de como um comandante militar duma praça de guerra pode amenizar os graves deveres e responsabilidades de sucessôr de Junot, duque de Abrantes, com harpejos sonoros de uma simples lira...

«Confidencial. Ao comandante do R. I. n.º 2:

«Amigo e bom Comand.te!
Valha-me nesta aflição!
Que terei eu que fazer
Quando ouvir um avião?

Então é regra ou é lei
Que o Comando militar
Ande todo o santo dia
De nariz voltado ao ar?

Veja Vossê se me acode
Neste tão grave embaraço:

Já tenho irritado o fígado,
Já sinto dôres pelo baço...

Pois não será tudo isto
Que nos dá tantos cuidados
Só p'ra meter o nariz
Onde não sômos chamados?

Isto é coisa do Diabo
Cheira a enxofre q. tomba...
Nem parece das maroscas
Do homem de Santa Comba.

Porque afinal é bem certo
E o Povo, até, bem o diz
Que ha coisa muito melhor
Onde meter o nariz...

(a) General Baum
Governadór da Praça. »

O Salgado recebeu e deu parte de fraco... Para versalhada não tem geito. Chamou um capitão do regimento Teodorico Pimenta, advogado de provisão e versejador oficial da unidade e encomendou-lhe a resposta.

A resposta fica aqui arquivada na folha imediata e no original.

322-A.

9-VIII-936

Confidencial

Ao Ex.mo General Governador de Praça

Abrantes

REGIMENTO DE INFANTARIA N.º 2 ABRANTES

Respondo com muito agrado
À vossa Confidencial
Que deu bastante trabalho
Neste meio Oficial.

Logo que o Passarão
Passe a voar sobre Abrantes,
O Comando faz então,
Comunicações abundantes.

A Guarda Republicana,
- De telefone da mão -
Fica quasi uma semana
A falar no Avião.

E se vêa muito alto,
- Já mais ninguem os convence -
E dizem em sobresalto
"Não vimos aquem pertence."

Volte

Esteja lá onde estiver;
Em casa, quartel ou rua
— Sossinho ou com mulher,
Tem sempre que olhar pirâ lua.

E o que quer que lhe faça
São ordens d'Estriação.
Fazendo lembrar a praça:
"Oh patego olha o balão."

É bem certo o que se diz:
"Não ha ordens que os farte.
Pois nem escapa o nariz,
Pri meter em qualquer parte.

Desta forma Vocelencia
Já não tem aplicação
E tem que ter paciencia
Observar para a Rejeão.

—

Juego que bem respondi
— Na presente ocasião,
Ás vossas ordens — Aqui.
"Tudo a bem da Nação." —

E aqui está eu que dois coroneis se entretêem, dois coroneis a quem o Estado Novo confia a segurança do seu bom nome e a manutenção da Ordem!

Alcantara.

Setembro: 14.

Mandei hoje o relatório do meu serviço de presidente da Junta de inspecção.

É natural que vá mal, isto é, que vá alterar a boa paz em que normalmente se vive e nas estações superiores seja considerado como maçador e importuno.

Pois se tudo pode correr bem, sem incómodos, porque se ha-de alterar a doce pacatez?

Não deverá agradar a m.ª intromissão em certos assuntos e a maneira por que a faço. Mas deixar ir.

Se dér mau resultado — logo se ha-de ver...

O relatório ficará arquivado no volume da m.ª papelada militar.

Coimbra.

Setembro: 19.

De licença disciplinar em Coimbra.

Vim por Tomar onde o general Lacerda Machado me recebeu e me deu indicações

reservadas ou confidenciais acerca do regimento de Leiria: referiu-se ao abaixamento da instrução dos oficiais que era necessario elevar e a certos decidios entre alguns que seria conveniente abafar. Falou do real entendido politico entre os regimentos da cidade, o de Inf.ª e o de Artelharia que era necessario terminar. Etc. etc.

Falou-me como se eu já fosse o comandante e de modo amavel, confiavel, quasi como velho amigo.

Passei outra vêz por Fatima, no regresso por Leiria.

Outrora houve qualquer peregrinação grande; paramos uns 10 minutos e vi melhor o conjunto. Não me pareceu tão pequeno como ha dois meses; mas aquilo teem que se lhe diga...

E ficará para outra ocasião.

Passei por Leiria. Lembrei-me á beira do Liz e evoquei o Poeta do Pastor Peregrino...

Mas a corrente do rio era cheia devido ás ultimas chuvas. O buzinar dos automoveis que constantemente passavam, afugentavam a Poesia

No entretanto, o ar de pacatez da cidade agradou-me.

Abrantes

— Outubro: 22.

Quizeram as circunstancias ou os Fados, que a mª folha de matricula me désse direito á promoção, na Ordem de Aviz, de Comendadôr a Grande Oficial. E quiz a bisbilhotice do jornalismo que a Gazeta de Coimbra désse em primª mão a noticia do caso anunciando aos quatro ventos que o Governo da Republica me concedera as insignias de Grande Oficial de Aviz, num gesto de justiça, etc. etc. pelos meritos e mais partes como se fosse galardão.

Outros jornalécos foram na esteira da Gazeta e até a Alma Nova da Lousã deu a noticia da seguinte forma:

«Foi agraciado com a Ordem militar de Aviz o ilustre escritor sr. Coronel B. P. a quem muito sinceramente felicitamos.»

Ora isto fez barulho em Coimbra e deu-me ensêjo para avaliar certas pessoas e divirtir-me alguma coisa.

A primeira impressão a seguir á leitura da noticia, parece que foi de espanto!

— O quê?... então Fulano que não grama a situação actual foi condecorado com tão alto gráu?

Mas, passada a primeira impressão, os céreleros começaram a discorrer, e discorreram de variadas maneiras.

Uns, de boa fé acháram bem; o caso fôra um acto de justiça para comigo, que andava quasi abandonado, sem qualquer razão fª val esquecimento. A mercê era, pois quasi uma reparação ás varias desfeitas recebidas.

Outros, a quem chamarei indiferentes, ficáram admirados por eu ser contemplado com uma condecoração, coisa contrária ao meu feitio e á situação creada por mim geraute a politica dominante; no entretanto, desde que o facto se deu, concordáram ... por comodidade.

Outros, ainda, os adversários do Estado Novo, esses viram no caso um acto de traição da mª parte. O grande-oficialato era o começo duma reviravolta; por aqui começariam as transigencias que me levariam, a pouco e pouco, á adesão ao novo estado de coisas e por consequencia á perca, para eles, de mais um elemento de tão grande esperança...

Das duas primeiras classes, recebi alguns parabens pelo correio; felicitações na rua, em encontros casuais; e até cumprimentos cerimoniosos em visitas,

pessoalmente, que me batiam á porta e entravam com cortezias pela honra que eu recebera e, acima de tudo, pela justiça q. me fora feita.

Dos ultimos, dos adversarios do Estado Novo, não recebi embaraços. Pelo contrario: falaram-me com expressão desconfiada, com modos receiosos, como de quem fala com pessoa de pouca confiança... E se eu ou outro tocava no assunto, acrescentava, com intenção depreciativa:

— Já sei q. foi condecorado... Mas isso foi coisa taxativa, com certeza, dessas condecorações que os senhores usam de graça quando chegam a certos postos...

Eu dizia q. sim e até acrescentava:

— É' condecoração automatica... Um se chegando a certa altura da escala... zaz, la vem a comenda!

Divertia-me um bocado com tudo isto; mas o certo é que o caso me deu a noção da inferiorid.e moral de mt.o gente e da embecilidade de outros, ao mesmo tempo que verifiquei a importancia que para a sociedade ainda tem esta patacoada das ordens honorificas. A par da satisfação de uns q. consideráram honroso o possuir um cachá no peito, ri a desconfiança, a parvoice e até, quem sabe,

até o desfeito em outros. E afinal estão todos errados.

Creio que ninguem, verdadeiramente, saiba a justa razão da honraria recebida.

Abrantes.

Novembro: 5.

Ontem tive conhecimento dum caso curioso que me deu a prova da mentira com que o Governo tem falado acerca da sua neutralidade perante a guerra civil em Espanha.

Foi o guarda nocturno nº 4 Raimundo Lopes Serrasqueiro que, pela madrugada, cerca das 4 h. viu descer um camion carregado pela estrada exterior da cidade que liga a explanada fronteira com o mercado novo, na entrada, para quem vem da estação. Como o carro descia com grande velocidade e sem luzes, mandou-o parar o que o condutor fez depois de ameaças. A seguir a naturais explicações e certa altercação consequente, o condutor e outro homem perguntaram se por ali tinham passado outros camions como aquele.

Ora o guarda ficou desconfiado e dirigiu-se á policia para participar o caso

ao tempo que, á mesma polícia chegára o fiscal dos vinhos do posto do Vale de Rabão (na bifurcação das estradas) que vinha acusar a passagem de cinco camions carregados de material de guerra, vindos do lado de Constancia e que seguiram pela estrada da Barata (ou seja contornando pelo norte e leste a cidade) depois de se certificarem do caminho da ponte sobre o Tejo nem passarem pela localidade.

A polícia achou o caso já bastante bicudo; farejou material dado por comunistas russos e franceses para a revolução em Portugal — e rapidamente resolveu meter-se em automovel de graça e com os dois denunciadores foi pela estrada fóra ao encontro do comboio suspeito.

Do lado de lá da ponte o comboio de camions estava tranquilamente parado a receber gazolina duma bomba á porta do depositario da Schell. A polícia perguntou pelo responsavel por aquele transporte de material. Apareceu um tenente, fardado, oficial da polícia de Lisboa que parlamentou, mostrou a guia de marcha e outros documentos; e depois da gazolina recebida e de averiguar qual a estrada p.ª Ponte do Sôr e Elvas, o oficial deu ordem de partida e lá seguiu para o seu

destino com o comboio de material a
são e salvo.

A polícia verificára que a deligencia
se dirigia a Badajoz, que seguia de noite
para não dar nas vistas; e que o camion
que passára na cidade, o fizera por engano,
por se ter atrazado um pouco na estrada e se perdera dos outros.

Emfim... a polícia verificou ainda
que fôra zelosa de mais. E á cautela, logo de manhã, fôra expôr tudo ao administrador do concelho, interino, que é, no momento, o major Matos Raimundo o qual recebeu a comunicação e achou tudo bem.

E vão bem que á tarde, puxando pelo relogio e vendo que eram quasi 5 horas, disse para os circunstantes:

— A estas horas, o material que aqui passou de manhã já deve estar a fazer fogo sobre Madrid...

Ora na terra já se sabe que eu tomei conta da ocorrencia; e portanto naturalmente se julgará que vou participar — porq. diz-se maliciosamente que esse material podia ser destinado a qualquer revolta contra a Ditadura. E assim os não-participantes julgam empurrar-me

para carinho que daria escandalo e seria mais uma gratinha interessante para a má-lingua indigena.

Eu, porem, não quero ver o excesso de zelo que tem a policia. Considero o assunto como passado em julgado e vou dizendo a todos que sim e... mais que tambem.

Coimbra.
Novembro: 8.

Carta que me vejo obrigado a escrever ao tenente-cor.el José Eduardo Moreira Sales, chefe duma repartição da 1ª Direcção-geral do Min.ro da Guerra, para lhe pagar um caixe que ele se dignou dar-me em nota oficial, em nome do Ajudante-general.

«Sr. Tenente-coronel: Recebi a nota n.º 20812 da 8ª secção da sua repartição datada de 5 do corrente, motivada por simples lapso meste S. R. R. que é Distrito pouco dado a lapsos, aliás frequentes em toda a parte. — Ora a nota a que me refiro não foi, com certeza, ao conhecim.to do nosso Ex.mo Ajudante-general embora se fale em seu nome. O nosso general Casimiro Teles é pessoa extremamente

delicada e de grande correcção no desempenho do seu cargo e não era capaz de me mandar a censura ou remoque como nem no final do docum.to assinado por um tenente coronel. E grando S. Ex.ª entendesse que eu merecería tal coisa, fa-lo-ia em nota reservada ou confidencial. Disto tenho eu a certeza, por isso considero a atitude do ten.te cor.el Sales como puramente pessoal — o que registo. »

Foi um "coice" de que ele se não poderá queixar.

Aquele ministério da Guerra!

Alcantes.

Novembro: 11.

Faz hoje um ano, um ano completo, que fiz a minha apresentação oficial [redacted] em Alcantes. Já lá vai um ano, já lá vão doze meses, trezentos e 65 dias, e neste largo espaço [redacted] e passagem de tempo é interessante reparar como, nesta terra, tudo parece na mesma.

Hoje, ao passar nas ruas que normalmente percorro, notei a imobilidade das coisas: parece q.e o Tempo não passou por estes altos e que apenas se limita, lá em baixo, no Rossio e em Alfer-

rarede a deixar crescer as povoações cada vêr mais como se nota bem pela quantid.e de novos telhados que se avistam cá de cima.

Mas na velha praça de guerra um estirado ano não deu sinal de si. O latoeiro que tem lojéca perto do hotel continua a bater a lata no mesmo sitio e na mesma posição; o sapateiro em frente, lá está como ha doze meses, na sua tripeça a trabalhar; a creançada pobre que abundantemente povôa as ruas, parece na mesma, enfézada, barulhenta, mais ou menos suja; as velhotas que ás janelas espreitam as visinhas e dão fé do que se passa ao redór, lá estão, de olho aberto e prescutadôr a tudo o que passa...

Enfim, o Tempo nada quér com a boa terra de Abrantes; o mundo rola incessantemente nos eixos, mas Abrantes fica...

Já sinto antecipadas saudades da terra abrantina; terra ideal para quem não quér nada e só pensa em viver em boa paz e com saude.

Mas terei que me ir embora e fazer nova experiencia nas margens bucolicas do Liz.

Alrantes

Novembro: 16.

Fica aqui uma carta curiosa que eu creio á professora de Miranda do Corvo, D. Lucinda Guintas:

«Mª Senhora: Recebi a anuael carta de V... (para aqui devolvida) no dia proprio em que se contavam 8 seculos, se a memoria me não falha, que o primeiro rei português deu autonomia e personalidade a Miranda do Doerna, conferindo-lhe foral e mandando reconstruir em bases solidas o castelo destruído vinte annos antes. Seria, pois, muitas terras um dia festivo que serviria de pretexto para afirmações de vitalidade e de bairrismo. Mas os mirandenses vivem na contemplação da corrente do Alhêda e não curam destas preocupações que a outros preocupam. D. Afonso Henriques já lá vai ha muitos annos e o foral é um pergaminho engelhado e desbotado que se guarda na Torre do Tombo, entre outros muitos pergaminhos carcomidos pelos seculos. — Emfim; tristezas não pagam dividas e quero agradecer a V... a remessa das quadras que, em grande parte são para mim desconhecidas e vêem aumentar bastante

a colecção. Sempre q. V... souber de mais algumas, era grande favôr mandar, pois logo que tenha em Coimbra algum sossêgo, tenciono fazer um trabalho sobre o cancioneiro mirandense de forma possivelmente original. — Conto em breve ser colocado em Leiria, no comando do regimento; teria m.to prazer em receber as ordens de V... ou nessa terra ou em Coimbra onde mantenho sempre a m.a casa. — Creia-me V... m.to grato por todas as atenções, etc. etc. »

Abrantes.

Novembro: 20.

Um jornaleco de Coimbra de nome Despertar dá no seu ult.o numero a noticia que se segue:

« Belisario Pimenta. — Vai ocupar o comando do regimento de Infantaria 7, aquartelado em Leiria, o nosso estimado patricio e ilustre oficial do exercito sr. tenente-coronel (sic) B... P... a quem enviamos as nossas sinceras felicitações. »

Estes diabos dos jornalistas com a preocupação da noticia em prim.a mão e das amabilidades causam, ás vezes, prejui

zos. Oxalá que esta novidade não le vante embaraços de qualquer especie á nova colocação.

Heraldes.

Novembro: 25.

Segue-se uma carta que vinha de escrever ao Ten. coronel Francisco Vicente da Silva, comand.te interino do regimento de Infantaria 7:

«Ex.mo Camarada: Não tenho o prazer de o conhecer e certamente, pelo que me dizem, não o chegarei a ter porque sairá do regimento antes de eu entrar. Lastimo muito a sua falta pois contava já com a sua colaboração valiosa e leal. Mas paciencia. — Esta tem por fim expôr-lhe o seguinte caso de q.e V... Dará conhecim.to aos oficiais do regimento se assim o entender por bem. Um jornal de Coimbra, com qualquer objectivo que eu não alcanço, deu a noticia da m.a proxima colocação no 7, porem acompanhada de referencias que me parece não serem muito agradaveis para o regimento. Eu não li a noticia nem sei bem de quem é o jornaleco; pessoa de familia me comunicou isto vagamente. em carta recebida hoje e hoje

mesmo fedi o numero do periodico para ver o que efectivam.te se publicou. — Antes, porem, de mais nada, quero fazer saber a V... e, se assim o entender, aos oficiais do R. I. 7, que nada tenho com a noticia e que a repudio sinceramente. As minhas deligencias p.a comandar esse regimento tinham por um dos fundamentos o saber que era boa unidade e que encontraria bons e leais colaboradores. De forma alguma seria capaz de insinuar qualquer noticia desprimorosa para a corporação de que desejava ser o chefe — o que, alem de ser meu contra-censo era ainda uma vilania. Faço gostosam.te esta afirmação a V... e V... com o seu bom criterio e lealdade dar-lhe-ha o destino que melhor entender. — Desculpe este incommodo mas compreende, etc. etc. — »

E' uma carta diplomatica, não sei se correspondente aos meritos da oficialidade. Emfim, deixa-la ir... Quero que os meus futuros subordinados comecem a avaliar-me e a fazer-me, desde já, alguma justiça. Se eles não merecerem estas atenções, paciencia; eu é que me julgo na obrigação de as ter.

Alcantara.

Novembro: 27

Recebi carta do Ten.te cor.el Vicente da Silva em resposta á minha de ante-ontem. Os homens, má lá! portaram-se bem... A carta foi lida em reunião de oficiais e segundo diz o Vicente da S.a «todos afirmáram serem desnecessarias as anteriores explicações» etc. etc. E ao mesmo tempo resolveram não descançar emquanto não souberem quem é o autor da noticia...

Ora aqui é que entra a arrogancia da classe... Que asneira irão eles fazer?

Coimbra

Novembro: 29.

Deixei hoje Alcantara depois dum anno e vinte dias de boa paz. Não me despedi indifferente desta terra onde, afinal, fui excellentemente tratado.

Tive «bota-fóra» afectuoso por parte das principais pessoas quer á saída do hotel quer na estação do cam.o de ferro. Estas quizeram testemunhar as amabilidades de que me cercáram, acompanhando-me até á partida.

Mas... logo que do entroncamento para cima, sosinho na carruagem, comecei a querer inventariar o anno que passei

como chefe do Distrito de Recrutam.to, senti a vaga impressão de que tudo lá ia já ha muito e que a m.a passagem por Abrantes era quasi sonho longinquo

Que fenómeno psicologico sera este?

Lembro-me que, ao deixar Penafiel, em 1933, senti a mesma impressão quando o comboio começou a deslisar pelo vale do Sousa; e, afinal, dessa terra minhota só trazia saudades, especialmente da paisagem deliciosa e vasta que todos os dias tinha á vista.

Seja o que fôr... O certo é que só direi bem de Abrantes. O Augusto Bivar Salgado chegou-me a afirmar, meio a brincar meio a serio (embora com pouco respeito pela memoria do ilustre Junot) que eu conquistára Abrantes...

Por curiosidade, direi que fiz um quadro em que ia registando os dias passados em Abrantes conjuntamente com os dias passados fóra, especialmente em Coimbra. Desse quadro conclue-se que desde a apresentação até á partida se contaram 384 dias, dos quais só passei em Abrantes 278. Dos outros 106 dias posso dizer que: 2 foram passados em Lisboa, 29 nas varias terras onde funcionou a

Junta de inspecção;
e 75 em Coimbra...
É bom notar que nes-
tes 75 dias estão in-
cluídos os trinta de
licença disciplinar a
que tinha direito.

Deixo aqui ao la-
do, também por mé
ra curiosid.e a facha-
da do Hotel Montes
onde estive sempre hospedado, num
quarto do 1º andar, com 3 janelas, da es-
quina — um dos melhores compar-
timentos da casa.

O pior de tudo foi que gastei muito
dinheiro com esta ausencia de casa co-
mo se verá pelo elucidativo quadro que
deixo abaixo:

Contas do Hotel e gorgetas -	6:047$20
Viagens p.a Coimbra, mi-	
nhas e da familia - - - - -	1:881$00
Despesas necessarias pelo	
facto de estar fóra de casa - -	461$50
	8:389$70

Eis em quanto ficáram os doze mê-
ses de ausência compulsiva em Abrantes.

Poderia ser frisór... Fiquei ao menos com a consolação de sair satisfeito e de, na terra, não ficarem descontentes com a m.ª passagem.

Coimbra.
Dezembro: 1.

Carta diplomatica que entendi dever escrever ao comand.te interino do regimento de Inf.ª n.º 7:

«Ill.mo Com.te: Tenho m.to prazer em o cumprimentar como melho conhecido e nesta altura, comand.te interino do regimento que vou comandar muito em breve. E neste cumprimento abraço todos os oficiais da unidade. — Creia V... que não é isto puro cumprimento protocolar, senão afirmação sincera do meu desejo das melhores relações pessoais e de uma colaboração com todos. Vou para o comando do R.I. n.º 7 muito voluntariamente e honrado pelo nosso Ill.mo General me ter proposto f.ª o cargo. Por isso e eu quanto o não faço pessoalmente cumprimento em V... a oficialid.e do regimento. — Aproveito a oportunid.e f.ª dizer que já li a noticia do jornal de Coimbra a que me referi em carta, ha dias, ao Ten.te cor.el

Vicente da Silva; a interpretação que me deram era exagerada e embora a forma como a notícia está dirigida seja um pouco infeliz não me parece q. tenha intencionalmente qualquer alusão desfrimosa para essa senhora. Cheguei de Alhandra adoentado e estou de cama; logo que possa sair procurarei o director do jornal e o caso ficará liquidado com certeza e sem novidade. — Até 8 do corrente ainda aqui me demorarei; se alguma coisa desejarem, creia V.. etc. etc.»

Coimbra.
Dezembro: 3.

Conforme o pedido do director-geral da Grande Enciclopedia feito para eu continuar a colaborar e indicar o que desejo fazer para a letra C, mandei uma nota com o seguinte:

1) Campelo (freguesia de), antigam.te anexa a Mir.al do Corvo, hoje no concelho de Figueiró dos Vinhos. — 2) Carapinhal lugar da freg.a de Mir.al do Corvo, centro de olarias e padarias; duas ou tres linhas. — 3) Cardeal, lugar da freg.a de Vila Nova, centro da região chamada a Serrinha; duas ou tres linhas. — 4) Carvalho [Dr. António Coelho de] ~~[illegible]~~, sec.o XVIII, bacharel

em cânones, que deixou vols. manuscritos com sermões. — 5) Carvalho (Dr. Clemente Pereira Gomes de), 1831-1906, professor e reitor de liceus, autor de compendios de filosofia racional. — 6) Carqueira (José Pinto), sec. XIX, funcionario publico, que publicou alguns volumes de poesias; cinco ou seis linhas. — 7) Carro, lugar da freg.ª de Miranda do Corvo, meia duzia de linhas. — 8) Dueça, rio afluente do Ceira, que atravessa o conc.º de Miranda do C.º — 9) Carpinho, lugar da freguesia de Mir.ª do C.º, o mais populoso do concelho, que tem olarias e fabricas de papel, etc.

Naturalmente não aceitarão todos. Mas lá não. Eles q. dipam.

Coimbra.

Dezembro: 5.

A noticia que ia dando caso grave entre a respeitavel Imprensa e o não menos respeitavel Exercito vai ficar aqui arquivada (1), transcrita do nº 459 da Aurora Nova da Lousã, do dia 28 do Novembro findo. Vê-se que a noticia é do Alberto Torres Garcia, velho amigo, que quiz ser amavel e, grosseiramente, insinuar

---

(1) No final do vol. a pag. 398.

qualquer coisa que me podesse pôr de candeias ás avéssas com os velhos amigos ortodoxos.

Tem uma passagem infeliz mas sem má intenção, quero crê-lo. O Torres Garcia faz-me sempre grandes ausencias e do mesmo modo grandes... presenças; quiz-me honrar com o louvôr que aí fica e não se lhe pode levar a mal.

Já com o grande-oficialato de Aviz ele estendeu a massa mais do que deveria; agora é com o comando do regimento que lhe serve para fazer a sua politica de captação — pois como sabe que eu digo q. nunca me deram comando, quer os de agora quer os anteriores ao 28 de Maio, ele vai lançando o barro á parede porq. na piór das hipoteses sempre se pode ~~ag~~ conseguir uma lasquinha...

E conforme mandei dizer ao major Fonseca, do regimento 7, ha dias, o melhor é arrumar de vêr o caso, com o que ele concordou em carta ontem recebida e que ficou guardada na devida colecção

Leiria.

Desembro: 9.

Cheguei ontem, dia da Imaculada e hoje assumi o comando do regimento de

Infantaria nº 7. Pela primeira vêz na vi-
da tenho um comando! Cheguei aos 57
anos de idade e aos 37 de serviço sem que
me confiassem qualquer unidade para
comandar.

É o caso é tão estranho que os deu-
ses quizeram até assinalar esse sucesso
na região com uma catástrofe tremenda
em Porto de Mós.

A minha chegada a Leiria correspon-
deu ao desastre, mais meia-hora menos
meia-hora — no dia consagrado á Pa-
droeira do Reino. É a fosse do coman-
do ao enterro macabro de 45 vítimas a
que ha pouco assisti, em cenário quasi
de magica. Assim fica marcado este pas-
so da minha vida de forma bem notavel
para que a memoria tenha sempre a que
se apoiar sem dificuldade.

Se fosse supersticioso, não sei se fu-
giria daqui...

Mas fico. Quero ser espirito forte...
Tanto mais que já estão a ver, pelos co-
meços, que terei de aplicar, com ou sem
euforia, a frase conhecida do D. Francis
co Manuel de Melo: que não se vê o bom
cocheiro nas suas largas nem o bom al-
faiate onde ha muito pano...

Pois ontem, meia-hora depois da minha chegada, vinha cá o comandante interino do regimento (o meu condiscípulo Julio Garcez de Lencastre) e os majores, em cumprimento de cortesia; vieram depois outros oficiais cumprir o "sagrado dever"; apresentaram-se as ordenanças, etc. etc.

O Garcez de Lencastre deixou os cartões ao protocolo e fez obra acabada...

Hoje, às 13 h. e meia da tarde, lá fui para o quartel: esperáram-me á porta os oficiais em solenidade e depois segui para a parada grande onde o regimento estava formado. Sujeitei-me a essas formalidades todas, desde a continencia á força em frente do comandante interino, ao cumprimento aos sargentos, um pouco de passagem...

Tudo isto tem um quê de ridiculo; mas a instituição militar, afinal, vive destes ridiculos.

A revista á força que passei vagarosamente, deu-me pessima impressão: os soldados não se sabem equipar em ordem de marcha e apesar da revista ser para comandante novo, os oficiais não souberam ou não quizeram fazer revisão discreta dos defeitos. Afi-

sentação pessima; o equipamento estragado; o material mal ou talvez muito mal cuidado; enfim, espectaculo desanimador. O dia fusco e triste, ajudava o ambiente.

A' volta da parada para o gabinete do comando onde iria receber os cumprim.tos, sentia-me vagamente arrependido de pensar no regimento n.º 7...

Os cumprimentos foram cordiais; o Garcez de Lencastre, ao fazer a apresentação, teve hiperboles amaveis e eu tive q. dizer coisas maravilhosas para não ficar atraz... São as mentiras convencionais a que se não pode fugir.

Recebidos os sargentos, anunciou-se a chegada ao Hospital de Leiria, do ministro Carneiro Pacheco que, em nome do Governo, vinha confortar, com o apoio moral, os feridos do desastre de Porto de Mós. Lá vou eu, com o Garcêz de Lencastre, ao Hospital, apresentar os cumprimentos do Comando militar — pois esta função tambem me caiu em cima por efeitos da doença do coronel José Vitor Franco, chefe do Distrito de Recrutamento n.º 7.

No Hospital civil, logo de entrada, topei com certa variedade de padres; subindo a escadaria, dei com irmãs de cari

dade, com as mãos recolhidas seraficamente nas mangas, naturalmente por causa do frio... Percorrei pelo Ministro, indicáram-me um largo corredôr pelo qual passei quasi entre álas de soldados, com ar humilde e abatido, como de quem cumpre penitencia... Finalmente entrei em enfermaria larga e arejada onde havia dezenas de feridos, ao fundo da qual vi um agrupamento de gente varia á volta do ministro e do bispo.

Este, como dono da casa, é que fazia a apresentação dos doentes; mais padres e cónegos rodeávam-nos e o provedôr da Misericordia (a q. pertence o Hospital) e o Governador Civil eram meros comparsas. O bispo, ali, era o centro, como é natural, dada a intima aliança entre o altar e o trono...

O ministro aproximou-se e falou-me como a velho conhecido. Realmente já o eramos desde a questão academica de 1907, tempo em que ele era meu visinho na rua de Tomar. Emfim, fez o seu papel muito bem feito e eu tambem procurei fazê-lo o melhor possivel.

Pedi-lhe licença para não o acompanhar porque tinha formalidades para cumprir no regimento; e voltei ao quar-

tal para fazer horas para a ida a Porto de Mós. As formalidades alegadas eram o bom desejo de não aturar o ministro e muito menos o bispo.

Por tarde fusca, nevoenta e fria, lá fui eu automóvel aberto (porque já se não arranjou outro) pela estrada fóra, exposto ao agravamento da m.ª bronquite. O aparecimento da vila de Porto de Mós, depois de curvas apertadas da estrada em que a vista é atraída por grandes calcários pedregosos, dominantes pelo lado sul, últimos contrafortes, creio eu, da serra dos Candeeiros, tem o seu quê de cenografia modernista. Assim me pareceu naquele lusco-fusco triste em que chegámos.

Mas mal os olhos se alegravam na rapida contemplação do conjunto em que sobressaiam as ruinas pitorescas do castelo, logo aos ouvidos chegou a vaga impressão de lamentações vindas de baixo. E com a aproximação da vila, realmente, o côro de gemidos, de gritos e frases de aflição, chegou-nos distintamente aos ouvidos. Era espectaculo novo para mim: em toda a gente viria expressão de terror; grupos parados para entrarem

no enterro, olhávam no rago, como quem espera qualquer coisa sobrenatural; de todas as ruelas que convergiam fª as praças ou ruas largas onde passei, chegavam gritos estridentes:

— Ai a minha filha!
— Ai o meu marido!
— Ai os meus filhos q. morreram!

E ás janelas viam-se cabeças desgrenhadas, braços q. gesticulavam sem nexo, ouviam-se apostrofes violentas ao Destino em accesso tais que lembravam a loucura.

Desenas de homens e mulheres mostravam passos recentes, na cabeça principalmente; e na expressão lia-se ainda o assombro, nos olhos via-se o que quer q. era de revolta instintiva.

Lá em cima, as ruinas do castelo, imperturbaveis, iam-se tornando refregos de cenario com o escurecer e a neblina que uniformisa as paisagens. E para lá iam, confundindo-se, todos os gritos, todos os choros e lamentações que a pobre gente soltava, ainda mal refeita da catastrofe, ainda sem comprehender porque é que, em reunião glorificadora da Divindade, na altura em que as creanças cantavam o hino de louvôr, a mesma Divindade não teve força para sustêr o soalho da

escola real aparelhado e não quiz evitar a morte de Paulo inocente...

Pairava sobre a vila o pavor de qualquer coisa forte a que não estavam ainda afeitos; e quando o enterro se organizou numa igreja da parte baixa da vila, eu vi sair uma fiada de caixões mal arranjados, alguns mal fechados, levados quasi todos por mulheres que soltavam gritos, mais ou menos descompostas no trajo e penteado como quem, desde a madrugada, não tivera ainda tempo de passar um pente pelo cabello ou abotoar melhor o corpete. Da multidão que estava cá fóra, parte dela vinda das visinhanças, saiam exclamações da mais variada origem; a chuva começou a cair em pingos grossos e para aumentar o mal-estar e o ambiente depressivo, no fim do cortejo o bispo de Leiria, rodeado de padres, entoava um canto de mortos.

Depois seguia-se o povinho, compacto, descuberto, olhando no rapo...

Dobradas umas ruas, num largueto irregular mais acima, o cortejo parou para receber nova fiada de caixões que esperavam em outra igreja. Era quasi noite já e a chuva continuava, lenta, mas insistente. Nessa igreja a cujo portal me recolhi por causa da humidade, havia multidão em

gritos á volta dos pequenos caixões; ligeiras luzes lá dentro e o fumo da cera ardida, aumentavam o fantastico das sombras nas paredes; na capela-mór, sobre o tapete, ainda havia meia duzia de carpitos de creanças, estendidos, á espera dos caixões que os carpinteiros, apesar da urgencia, não tinham ainda conseguido ultimar.

E que expressões serenas tinham algumas dessas creancitas! A morte surprendeu-as sem lhes dar tempo á expressão de horror que outras tinham. As familias gritavam ao rodár; e foi necessario certa autoridade de pessoas influentes na terra p.ª arrancar nova fiada de vinte e tantos caixões que se foi unir ao cortejo que já esperava ao fundo do largo.

Vi então desfilar esse interminavel seguimento, com pouca ordem, dando a impressão de que todos iam depressa para o cemiterio para acabarem com aquele horrivel pesadelo. Os caixões eram quasi todos improvisados, mal feitos; alguns mal fechados, ainda deixavam ver cabelos saídos que não couberam ao fechar; eram forrados de panos de diversas côres, naturalmente do que havia á mão naquele dia. E no fim, a padralhada toda, entoando canticos soturnos á frente e á volta do lis

po, de vestes e mitra brancas — homem
não reumatico a coxear com passos peque
nos, com aspecto de padre de aldeia bem
barbeado, de boca semi-aberta, a deixar
ver a lingua que ás vezes passava pelos la
bios. Os sapatos novos com saltos cambados.

Já então havia archotes que davam
luz e fumo; e ao chegar o cortejo ao cimo,
perto do cemiterio, os clarões iluminávam
vagamente o vulto das ruinas do castelo
como em desenho de Gustavo Doré e deixa
vam ver a multidão escura, formigueiro
que se desdobrava pela encosta e que
surgia de todas as esquinas, com olhos es-
pantados. De quando em quando os foto-
grafos dos jornais de Lisboa e Porto quei-
mavam o magnesio p.ª conseguir instan
taneos; desses fogachos rapidos surgia sem
pre o mar escuro de cabeças, já então si-
lencioso, como cançado de gritos; e lá no al
to, enormes pela proximid.ª, as ruinas fan
tasticas, quasi sobranceiras, como nova e
brutal ameaça de outra tremenda catastro
fe.

No cemiterio havia luzes de archotes
e de velas de cêra; andavam vultos de um
lado p.ª o outro por entre o branco dos jazi
gos e a fumaceira que engrossava a ne-
voa que continuava a envolver tudo.

Fiquei cá fóra, á porta, embebecido por causa do vento e da humidade; e dali via o estranho espectaculo de onde vinham alguns lamentos já mais afogados — ou por mais distantes ou porque entrara o cansaço. Não quiz ir ver a cêna macabra do lançamento a cova nua improvisada de 30 e tantos caixões; bastou-me o movimento dos vultos, lá dentro, cruzando-se dum lado p.ª o outro como espectros, sem ordem, a aparecer e a desaparecer por entre o teraneo dos tumulos, esfumados no meu espesso do fumo e nevoeiro, para ficar com o espirito bem cheio da impressão que não esquecerá, de certo, de tal tragedia.

Lá fóra, a multidão parece que aumentara; a pouca luz que havia deixava ver apenas enorme ondulação negra até ás primeiras casas da vila e pela encosta do castelo — esperando a pé firme não sei o quê.

No cemiterio entrou pouca gente; a policia não deixou entrar quem não tivesse lá que fazer porque o recinto é pequeno; e assim cá fóra a multidão ficou á chuva, esperando já em silencio profundo. Queria convencer-se de que tudo acabára de vêz.

Mas não, ainda não acabára...

O espectaculo continuáva. Enterrados os trinta e tal corpos das freguesias da vila, entoados os cantos funebres pelos padres e exgotados os ultimos lamentos, já de garganta sêca e olhos enxutos, formáram-se novos cortejos. Eram os mortos das freguesias limitrofes que iam para os seus cemitérios, debaixo da chuva que então começáva a cair com violencia, levados por gente acabrunhada e muda, de cabeça descuberta, que segurava uma velasitas que mal ardiam.

Se, até aqui, o cenario impressionáva e a tragedia aparecia em ponto grande, estes pequenos cortejos mudos que metiam ás estradas e caminhos, formados por pobre gente já vergada ao pêso de tanta comoção, impunham quasi mais respeito que a grande multidão que se juntára.

Não esquecerá facilmente a passagem apressada pela m.ª frente desses grupos de homens, mulheres e creanças, em passo quasi cadenciado, a rodear caixões-sitos levados pelas raparigas entre 15 a 20 anos. Toda essa gente ia já molhada, as mulheres, com os cabelos quasi soltos e empastados, os homens de cabeça ao léo, e todos de olhos espantados olhavam para

nós como quem não via e apenas a sua comoção se manifestava por haustos fundos que não chegávam a ser suspiros. E lá iam a chapinhar pelas estradas e atalhos para as freguesias, algumas a hora de caminho, pelo escuro da noite que começava a mostrar-se impiedosa.

O que se passaria por esses trajectos, quando essa pobre gente mergulhasse no escuro e já cançada de tanto andar e de tanta comoção se encontrasse a sós com os caixoesitos onde iam as suas esperanças? O que se passaria nesses cerebros pouco desenvolvidos, a sós consigo, na solidão dos caminhos, onde as arvores dariam sombras de fantasmas e os casinhotos brancos que surgissem nas curvas, á fraca luz das velas, poderiam lembrar os tumulos dos cemitérios?

Pobre gente! Tremenda lição receberam se naqueles rudes cerebros havia possivel adaptação para lições destas!

Passados os ultimos enterros, feitas as despedidas ao general Lacerda Machado e ao ministro, lá venho eu no mesmo carro aberto, pela estrada fóra, que já então escorria agua da chuva abun-

dantemente. Havia tambem nevoa q. os faróis do carro mal rompiam. Passámos por inumeras carroças cheias de gente e por grupos de homens e mulheres a pé que recolhiam. Ainda perto da vila encontrámos um dos tais cortejos funebres que caminhava á pressa desordenado. E ao fim de meia hora de tortura para mim que receava o agravamento dos meus bronquios, cá cheguei ao hotel sem novidade.

Sómente cançado de sentir a comoção dos outros e talvez de tentar fazer um ou outro conceito sobre a catastrofe. E como foi começo de vida — não sei se diga que me parece q. comecei mal...

Leiria.

Dezembro: 10.

Continuei hoje com os actos de posse do comando. Passei revista ao quartel todo.

Se ontem o pessoal me deixou má impressão pelo desleixo do porte e do estado do material, o quartel causou-me muito piór impressão. Constituído por um convento e por um seminario, e á beira do rio, é dos tais quarteis que não teem concerto: muito humido, frio, com

corredores estreitos, pouca luz, escadas gastas, etc. etc. — um conjunto terrível q. me deixou desarmado.

Além disto tudo, pouco asseio e pouca ordem; e a contrastar, algumas coisas de luxo feitas ultimamente pelo Ten.te Coronel José Vicente da Silva q. há pouco saiu, como casa de banho do oficial de dia, retrete privativa p.a o comandante, etc. que são objectos, afinal, que quasi se não usam... E ainda o mesmo Ten. coronel arranjou uma "casa do soldado", aliás bem arranjada e que merece louvor — mas... na qual ficou o retrato dele, ampliado, ~~em~~ em grande moldura dourada...

Etc. etc.

Ora ao entrar no hotel, já cá tinha um convite de assinatura de jornal leiriense; e, de mais a mais, anti-comunista.

Com o jornaleco na mão raciocinei: se o devolvo, grita-se logo que o novo comandante do regimento é comunista; se o não devolvo tenho que pagar a assinatura e, implicitamente, ajudar essas intrujices e essas intrujões que julgam combater o comunismo grande, afinal, nem sabem o que é tal doutrina.

Mas, enfim, a tal covardia moral que tantas vêzes pésa na consciencia, impõe este procedimento. Os homens ficarão dizendo que sou um comand.te ás direitas e o mundo continuará a correr sem novidade.

E sempre haverá uma desculpa: a cinta do jornaleco que aqui fica arquivada p.a lembrança,[1] vinha com um convite tão amavel...

Leiria.

Dezembro: 13.

Enfim! o enguiço parece que se quebrou!... Ontem houve no hotel um casamento e á noite, no teatro, concerto pelo Viana da Mota.

Os 43 enterros de Porto de Mós e a má impressão do regimento, pesávam de mais desde que cheguei. Mas ontem quebrou-se o mal estar; uma noiva vestida de branco e a Flora de Arte preenchida pelo pianista, desanuviaram a atomosféra.

Vamos a ver se Leiria começa a dar melhores impressões e se diminue o vago desânimo que me acabrunhava desde que cheguei.

---

[1] No final do vol.º a pag. 398.

Leiria.

Dezembro: 20.

Ontem fui, a convite do reitor, á festa no salão dos alunos do Liceu Rodrigues Lobo. Armaram no ginásio uma grande mesa com bolos; ao fundo, a mesa da presidencia de que fiz de fazer parte como comandante militar; as ornamentações, alem da reprodução, em friso na parte superior da parede, das figuras dos desenhos animados mais vulgares no cinema, eram constituidas por largas fitas de papel de sêda azul e branco e outras com as côres da bandeira monarquica espanhola.

Alguns rapazes e raparigas, alunos é claro, recitaram. Mas as poesias eram só glorificadoras do natal como simbolo religioso; do menino-Jesus como redentor da Humanidade; da virgem-mãe; etc. etc. Somente uma rapariga saiu destes têmas com poesia sua em que ao mesmo tempo que lembrava a festa da familia, fazia um entusiasmado que terminava pela glorificação do Fascismo. O ultimo verso era este:

«Se Liria é eterna, Roma é imortal!»

Aplausos extraordinarios saíram aos

meus ouvidos espantados... E concluí que tudo aquilo que vi e ouvi era a amostra da nova pedagogia.

Dei palmas, como toda a gente, para não fazer de mal-criado; e ao sair, vim de concordar que a festa foi muito agradável e muito bonita...

Bolas! para tudo isto.

Leiria.

Dezembro: 22.

Fui hoje á biblioteca regimental para ler com sossêgo.

De relance percebi que não está actualizada; em compensação vêem, em abundancia, livros de literatura de ficção e muitos destes livros aparecidos ultimamente de assuntos sensacionais e traduzidos em fino português com espalhafato: casos de espionagem, escandalos internacionais, etc. etc. E ainda fiquei cima, o solicito bibliotecario me mostrou com ares triunfantes os dois grossos volumes da *Historia de D. Carlos* do Rocha Martins, o *Portugal Artistico* do Pereira de Almeida e outras obras de outra rica fancaria.

Que criterio presidiu a esta escolha? Como é que se fazem estas compras?

E eu a aturar tudo isto...

Coimbra

Dezembro: 27.

O Tenente Angel de Melo, da Figueira da Foz, convidou-me por intermédio do João de Barros para fazer uma conferencia no colegio de que ele é um dos directores. Depois escreveu-me uma carta 9. ha dias recebi renovando o pedido. Tive hoje de lhe dizer que sim, que iria, mas por agora não. Adivinhei que poderia ser lá para Março do ano que vem e lembrei-lhe que talvez calhasse dizer qualquer coisa acerca dos batalhões academicos de Coimbra, dada «a actual tendencia de militarização da mocidade...»

O assunto é facil p.ª mim. Para outro qualquer não teria tempo nestas alturas.

Leiria.

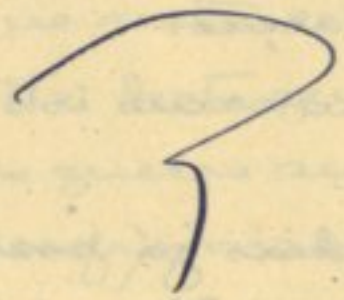
Dezembro: 29.

Lá vai nova carta p.ª o dr. Alberto de Oliveira. Dou-lhe parte que estou em Leiria por proposta do general Lacerda Machado — e digo-lhe isto porque estas horas tiram grande importancia, certamente, á proposta; e ao mesmo tempo porque fica sabendo que não sou assim tão mal considerado como ele poderá

supôr. Ser proposto para um comando de regimento deve ser honraria de costa acima...

Pois lá foi a carta na qual juntava a costumeira das boas-festas, etc. etc.

E assim me parece que vai acabar o ano de 1936 — nem bom nem máu, antes pelo contrario como diria o outro...



— 1937 —

Leiria.

Janeiro: 8.

Faz hoje um mês que cheguei a Leiria e quasi ainda não dei, a valer, pela minha estada aqui e muito menos por qualquer parcela de acção.

Não sei bem como isto foi — mas é assim.

Em trinta dias já posso, em parte, avaliar o regimento; e digo em parte porque ainda não o conheço como devo conhecer. O proprio quartel tem dependencias onde ainda não entrei. E as obrigações burocraticas do comando são tantas que não deixam, muitas vêres, tempo para assuntos de maior importancia.

Confuso, pelo que vejo e pelo que oiço, já imagino a engrenagem que vem dos tempos excelentes do «não te rales» que crearam ao regimento a tremenda fama que ainda tem. Em tempos não muito remotos vivia-se aqui como Deus com os anjos... O comfadrio era forte e tudo se encubria honestamente...

Ainda hoje se afrontam grédios pertencentes a antigos oficiais que nada tinham e viviam apenas do seu soldo, mas que construiam ás claras; sem se saber de onde vinham as ferias dos operarios e o pagamento dos materiais.

Assim se ia vivendo em Leiria, tal como Eça de Queiroz nos conta suavemente nos tempos do padre Amaro; e assim os anos rolaram até aos tempos da ultima guerra que veio estimular, com o medo, a gaiatice desta gente.

E depois da guerra surgiu a politica e com ela a desorganização das igrejinhas que se formaram p.ª auxilio mutuo. E para cumulo, o movimento "salvador" de 28 de Maio veio fazer evolucionar em outro sentido a feição peculiar da corporação dos oficiais. Surgiu nessa altura a preocupação do poder politico que se personificou no major Jaime Tomas da Fonseca, guarda leiriense, proprietario remediado e que se considera, ha muitos anos, o dono do regimento.

E daqui veio certo mal-estar não só no proprio regimento como nas relações com o de Artharia onde, por sua vêz, tambem o mesmo virus complicou a engrenagem.

Qualquer das unidades queria assumir a chefia politica local e do distrito; quando havia aberta boa, subia uma ao poder e a outra ficava na mó de baixo, sujeita a desconfiança e vigilancia; quando mudava o ministro e a outra unidade subia, logo os papeis se invertiam. E assim sucessivamente...

E' certo que esta tensão de relações modificou-se muito; e actualmente com a passagem da chefia do distrito para civis, os dois regimentos perderam a influencia e começáram a entrar na ordem — mas ficou o espinho a roer num lado e no outro e a perturbar, embora de leve, a boa harmonia.

Vim encontrar o ambiente, nesta altura, já muito modificado; mas o Jaime Fonseca, sempre q. pode, procura perante mim, avivar a chaga e indispôr-me com os artelheiros; de quando em quando, a proposito de qualquer coisa, lá vem uma larga historia dos tempos da politica, para me abrir os olhos a respeito dos maleficios dos outros...

Mas apesar de todas as suas habilidades nethácas, sinto que a sua propria influencia no regimento diminue. E como ele ha-de sentir isso, aproveita a chegada

de novo comandante, esperançado na re-
conquista do perdido poderio. E assim vai
procurando intrigar conforme pode, com
a esperança de conseguir contigo alguma
coisa como conseguiu com alguns dos
meus antecessores.

Deixa-lo lá com a esperança que não
custa dinheiro e que, como disse o P.e Antó-
nio Vieira, é o ultimo remedio que a Na-
tureza deixou a todos os males. E assim
irei andando, fingindo que não percebo o
que ele diz sem deixar de o tratar amiga-
velmente como pessoa em que só confio.
Intimamente, porem, sinto-me desani-
mado com a pouca categoria mental dos
oficiais: poucos dialos, na maior parte;
alguns de feitio manhoso e um ou outro
velhaco...

Ha de tudo! Mas, por sobre eles e sar-
gentos, paira ainda, com força, a antiga
parvoice que deixava correr o mundo
pacificamente — enquanto não houvesse
novidade.

Leiria.
Janeiro: 11.

Ha na terra um jornaleco anti-comu-
nista (a que já me referi) dirigido por
um oficial de artelharia, capitão Marino

Simões Ferreira, creatura atrabiliaria e intolerante, de mural pouco elevado, antigo cadete de Sidonio Pais e hoje dedicado ao ultramontanismo do Estado Novo e, segundo se rosna, ao nazismo alemão de que, secretamente, agente local.

Pois ha dias saiu no periodico a noticia que agui fica e que diz respeito ás torres da igreja de S.to Agostinho que pertence ao nosso quartel e ser-

> UM dos nossos mais ilustres assinantes desta cidade chama-nos a atenção para o estado de ruína em que se encontram as tôrres da antiga igreja de Santo Agostinho, as quais, no estado em que se encontram, constituem sério perigo para os transeuntes.
>
> —
>
> (N.º 18 (430) de 3 de Jan.º de 937)

re actualmente de refeitorio dos soldados.

Ora as torres são solidas e não teem qualquer sinal de ruina, nem ninguem ainda ouviu falar de tal coisa. Quero crer, pois, que a noticia será maneira indirecta de pegar comigo para dar muito na vista, como de quem faz uma prim.ª sondagem. Será assim?

E hoje, na Assembleia, deu-se o caso que ao encontra-lo e ao falar-lhe com a maior naturalid.ª, ele me pareceu pouco sereno. Seria impressão minha?

Vamos a ver como o Tempo esclarecerá o caso.

Leiria.

Fevereiro: 28.

Tive que escrever hoje uma carta ao dr. Bissaia Barreto, de Coimbra. Ninguem o havia de dizer, mas um bilhete que recebi dele assim o obrigava.

Eis a carta que custou a fazer mas ficou obra perfeita...

«Ex.mo Sr. Dr. B. B.: Recebi com muito prazer a carta de V... e tomei as suas palavras na devida consideração. Ao mesmo tempo agradeço as indicações dadas que facilitaram o nosso julgamento, aliás facil perante o aspecto geral do rapaz. Ficou, pois, V... satisfeito e eu tambem por ter sido agradavel a V... de quem me confesso, com toda a consid.ão etc. etc.»

Trata-se dum livramento de rapaz recenseado p.a o exercito. O rapaz de nada valia fisicamente; era dos tais que não dão trabalho ás juntas — mas o Bissaia naturalmente quiz fazer valer a sua importancia e recomendou-me o cavalheiro... E como ele ficou isento, alegou-se que a isenção foi devida ao pedido.

Enfim... O piór é se ele se habitua.

Leiria.

Março: 15.

Escrevi carta ao Ferreira Lima. Deixo-a copiada no vol.º das cartas, onde ficou com o nº. 118 a pag. 171.

Coimbra.

Março: 19.

Recebi há dias um ofício m.to amável da Secretaria do 1º Congresso da Historia da Expansão Portuguesa no Mundo, assinado pelo Manuel Murias como seu secretario geral.

Diz ele que o ministro das Colonias o encarregou de me convidar p.ª participar no Congresso onde concorrem «os "investigadores portugueses mais distintos...» E como o meu nome foi indicado como tal, solicita a m.ª comparencia e a apresentação duma comunicação original. Gentilezas...

Respondi com o seguinte:

«Ex.mo Sr.m.: Acuso a recepção do atencioso ofício de V... nº. 250, de 1 do corrente. Só hoje o agradeço m.to reconhecidamente porque quiz verificar, na m.ª casa em Coimbra, se poderia aceitar o convite. Estou actualmente em Leiria e, por conse-

exercício, fóra de casa; a m.ª situação não dá ensejo para trabalhos alem dos profissionais; por isso me vejo obrigado a dizer a V... que não posso concorrer ao Congresso. — Nos mss. da Bibliotheca da Universid.e ha muita coisa inédita que seria util apparecer; mas V... sabe bem q.e nisso exigiria tempo e tranquilidade que eu agora não tenho. E não tenho, tambem, nesta altura, qualquer trabalho que possa ser classificado. — Agradeço pois muito a attenção do convite que tomo no devido apreço e estima. E offerecendo o meu prestimo, subscreve-me, etc.»

E assim perco uma occasião de apparecer entre os mais distintos investigadores portuguezes...

E' uma pena!

Mas ficará p.a outra occasião.

Leiria.

Abril: 7.

Mandei hoje uma grande carta para o Tomás da Fonseca a respeito dum medico distinto de Leiria que ha dias me appareceu com uma carta de apresentação m.to curiosa. Respondi hoje á apresentação e aproveitei a opportunidade para lhe

ser umas chalaças em estilo epistolar sem pretenções.

A carta fica no vol.º respectivo, com o nº 119 a pag. 173.

Leiria.
Abril: 13.

A Liga dos Combatentes da Grande Guerra mandou-me um ofício assinado pelo general Luis Aug.º Ferreira Martins em que me solicita a representação nas homenagens que em 9 do corrente se deviam prestar ao Soldado Desconhecido na Batalha. Arranjei desculpa e delleguei no coronel José Vitor Franco a incumbencia que foi aceite gostosamente.

Este Vitor Franco gosta imenso destas coisas e ainda bem... Como fº pouco mais serve, vai sempre de boa vontade onde julgue que faz figura.

Escrevi hoje ao Ferreira Martins agradecendo e explicando a troca da representação, etc. etc. As férias do costume.

Leiria
Abril: 17

Fiz hoje um despacho que deve ter dado que falar no regimento pela sua originalidade e inedítismo.

Um soldado correccional, ontem, ao ver dentro do automovel do aspirante a oficial Infante de La-Cerda, parado á porta do quartel, um magote de onças de tabaco, do bom, daquele que faz crescer agua na boca aos fumadores, sentiu-se tentado pelo diabo ruim, meteu um braço e tirou uma onça dele. Foi visto, foram; agarrado, confessou o crime; e assim hoje o relatorio do oficial de dia traz uma participação carregada.

Chamei o soldado que confessou abertamente. Alegou o vicio do fumo e a sua pobreza e ainda a tentação diabolica ministrada por aquele mostruario de rico.

— Foi coisa ruim q. passou por mim. Tenho ruim comportamento mas nunca roubei nada. Não sei o que isto foi...

E os olhos arrazaram-se de lagrimas.

Ora este sold.º está nas condições de ir parar ao Deposito Disciplinar ao primeiro castigo que tiver; o regulamento assim manda — e o Deposito Disciplinar é uma géena infernal que transforma os homens que lá entram em féras.

Tinha, pois, eu frente, um caso de consciencia, tanto mais que, a falar verdade, o rapaz praticou um acto de verdadeira justiça social...

Nem mais nem menos.

Enfim, depois de reflexões e varios considerandos, lancei o seguinte despacho no relatório citado:

« O sr. comandante da Comp.ª de Deposito faça ver ao soldado F.... n.º .... a gravidade da falta cometida, não tanto pela falta em si, considerada isoladamente, mas pelo facto de, com o comportamento anterior que tem, qualquer punição o levar ao Deposito Disciplinar; e se este, regulamentarmente, seria o caminho a seguir perante tal transgressão de deveres de militar e de cidadão, eu quero ainda tentar fazer ver ao culpado que, não o punindo, e evitando a sua encorporação no Deposito onde se não regeneraria, lhe imponho para futuro a obrigação de comportamento exemplar e, quando for licenceado, do reconhecimento por um acto do comando que implica responsabilidade. O sr. comand.te da Companhia farlhe-ha ainda ver que se, no tempo que lhe falta, cometer a mais leve infracção de disciplina, estas considerações desaparecerão e a punição será, evidentemente, maior. »

Parece uma sentença... Nem Salomão, o sabio dos sabios, faria coisa melhor.

Leiria.

Abril : 19.

Ontem fui á Figueira da Foz fazer a palestra no colegio Academia Figueirense já promettida ha muito.[1]

Os jornais falaram no caso nos termos das noticias que deixo adeante archivadas.[2] Mas o que eu não imaginava é que as coisas corressem como correram.

Fiquei satisfeito com tudo. O auditorio era favoravel; os donos do colegio foram gentilissimos — e as palavras de apresentação quer de um dos donos quer do presidente da mêsa, foram excessivas.

De modo que me encontrei á vontade para dizer certas "viradas" que vinha escrito e que receiava ler. Disse-me o João de Lemos que estava na assistencia um padre que não gostou. Era natural. Mas que estaria o padre a fazer ali? Iria espiar o que se passava?

---

(1) No dia 27 de Dezembro do ano findo.
(2) No final do vol.º a pag. 399.

Essa comparação, foram assistir pessoas que eu não calculava capaz disso: o general reformado Jacinto dos Reis Fischer, por ex.º; o dr. Delegado que pediu para me ser apresentado; o coronel reformado Almeida Lopes e esposa; o dr. Salinas Calado, etc. etc. Fui apresentado, também, ao António Esteves que na literatura usa o nome de Carlos Bombeiro; quer escrever para a Gazeta de Coimbra a notícia da sessão.

Etc. etc.

Foi tarde agradável. Parece que na Figueira ainda a atmosfera é liberal.

Valha-nos isso ao menos, já que aqui, nesta bela terra do Liz e do Lena, se sente o padre em luto. O clero anda imanente nesta atmosfera leve e clara, anda a pujá-la sempre e a torna-la de difícil respiração.

Coimbra.

Maio: 2.

Por causa dum arranjamento relativo ao trafo necessario p.ª limpeza do armamento da Legião, armamento que pertence ao meu regimento e está a meu cargo, deu-se um incidente com o Quartel General que não vale a pena contar. Basta dizer que se trata de trafo...

O certo é que o general comandante da Região que é o Alberto Guerreiro Leixoto e Cunha notou no orçamento que eu de cá mandei qualquer exagero... Realmente, o assunto é interessante para um general que, pelo que se vê, não vai muito além do trapo fº limpeza.

Mas, enfim, o caso deu uma carta fª. o chefe do Estado-maior, Alfredo Ernesto da Cunha que aqui copio porque vale a pena:

«Pres.do Cam.ds e Amigo: Com muita franqueza: o trapo não é bem a minha especialidade... — Mandei rectificar a mª nota anterior sobre as despesas com a Legião, tanto mais que, depois do nosso General me dar o limite maximo de 50$00, além dos quais não «consentia» que eu passasse e me «obrigaria» a justificar o excedente, eu não tinha mais nada que fazer. Perante a ordem, aliás á censura, fiquei convencido de que para calcular trapo não tinha geito, assim como não tenho geito fº adular — que é o que devem ter feito os comandantes que apresentaram orçamentos de 20$00. — Ficámos, pois, em 50$00 e é pena que, para conclusão vão simples

eu tivesse de ouvir algumas expressões ditas com modos que eu não uso para os meus ferriais de menos consideração. — Enfim, o nosso Gen.al estragou-me a festa em que depositei as melhores esperanças porque lhe dou mesmo que não merecia. Cada vêz vejo mais confirmada a regra dos que levam a vida a criticar; estes é que a levam direita! Decididamente, na especialidade «trafo» estou em branco... — Desculpe o desabafo, mas aqui, entre os meus livros, sinto-me mais bem disposto. Tenhâmos paciencia. E como diz o Borda de Agua, Deus supre tudo. Os meus cumprim.tos, etc. etc.»

E aí está em que os nossos generais se entretêem: trafo e mais trafo...

Vá lá, podia ser pior.

Leiria.

Maio: 8.

O Cunha, chefe do Est.º-maior da Repias respondeu-me amavelmente á carta G. aí ficou e deita agua na fervura. Diz que eu exagerei um pouco porque não conheço o feitio do general; que este «é uma "pessoa impulsiva, dizendo coisas desagradaveis e com cára de m.to zangado [...]

"e momentos depois já se não lembra do "que disse nem lhe fica qualquer ressenti-"mento...» Dá explicações amaveis e termina por dizer q. o Gen.al está bem impressionado com o regimento «que vai "entrando na ordem...» etc. etc.

E assim se arrumou a grande questão do trapo...

Leiria

Maio: 15.

Recebi ontem uma nota do Quartel-General relativa a um caso de readmissão, caso que não vale a pena contar. O que desejo que aqui fique é q. [redacted] a nota redigida pelo proprio general me era desagradavel e que com ela vinha um cartão do Alfredo Ernesto da Cunha, o chefe do Estado-maior, explicando lealmente o caso e procurando adoçar o amargo da investida. Neste cartão que guardo de boa vontade na vasta colecção da correspondencia, diz-me o Cunha q. o General mantem por mim a consideração a que tenho direito mas q. desconfia de que eu, afastado ha m.to do serviço, sou mal coadjuvado pelos meus oficiais que me poderão levar a lapsos pouco regulamentares aproveitando a m.a ignorancia dos serviços.

Ora á nota respondi com certa altiver e ao cartão com esta carta que aqui fica por não deixar de ser interessante:

«Ex.mo Cam.de e Am.o: Andava ha dias p.a lhe escrever com agradecimento pelo seu amavel cartão de 7 do corrente e para comunicar agradavelmente o bom resultado da inspecção do director da Arma. Mas quando lhe queria agradecer as suas atenções e dizer-lhe q. o nosso general Canto verificou bastante diferença para melhor no regimento e no fim me felicitou perante todos pelo notavel progresso na instrução, eis q. surge este caso do sargento Fulano que é aborrecido e me lançou aos trambulhões das alturas a que me julgava guindado. Afinal, vaidade das vaidades!... O nosso General encarrega-se de me lançar o amargo em todas as minhas satisfações. — Ora bem. Este incidente parece andar á roda dum mal entendido; não houve deslealdade de qualquer dos meus colaboradores; eu é que resolvi por m.a cabeça como sempre faço nos casos que podem envolver qualquer interferencia oculta e por isso andei bastante tempo a revolver legislação — não fosse eu dar em falso ou parecer parcial. Re-

sobi mal? O caso é só comigo que julguei resolver com acerto. Não houve influencia de qualquer protector e até, devo dizer, se se falava em protecção, essa era nesse Quartel General conforme o acusado blasonava. — Creio q. a minha nota responde, com a simples e inofensiva verd.e ao questionário-torniquete que recebi; quem mal não usa, mal não cuida. Contudo, estas coisas todas me desgostam. Se realmente o nosso Gen.al me considera e me quer dar apoio, não percebo como me manda apertões destes que, a não se ter passado o que se passou me colocariam mal. Enfim, o interesse q. tomei pelo comando começa a diminuir; talvêz passe a ter mais sorte... Felizes os que se não rálam! — E com esta não o maço mais; o meu caro Cor.el que ouve dos dois lados, tambem sofre as consequencias; desculpe, pois, a caturrice mas sei que escrevo a homem leal e de estremada correcção. E por isso creia-me, etc. etc.»

Este estilo epistolar creio que é novo nos nossos quarteis-generais. Esta gente não está habituada a este modo de tratar os assuntos. E então o general Peixoto e Cunha q. foi sempre uma especie de ca-

pacho muito razoavel e creatura sem valor de qualquer espécie, ha-de estranhar com certeza estas missivas — que o chefe do Est.º-maior com certeza lhe mostra.

E aqui está em q. consiste o comando duma Região...

Leiria

Maio: 20.

Escrevi ao Camara Reis em resposta a uma circular que me mandou a respeito da Seára Nova que, de vêr em quando, lança um pedido aflitivo de socorro. Não sei se será má administração ou se, realmente, a luta é dificil; a verd.e é que a Seára tem ha muito vida bastante precária.

A resposta fica no vol.e respectivo, a pag. 175, com o n.º 120.

A Revista Militar, em sessão de direcção realizada a 12 deste mês, aprovou por aclamação um voto de congratulações pela minha "brilhante conferencia" sobre batalhões academicos na Figueira da Foz a que já aqui me referi na altura propria.

O Pires Mont.º deve ter sido o autor da manifestação e está transformando

a Revista em uma especie de Academia dos Amaveis ou dos Generosos...

Enfim, são atenções que não fazem mal a ninguem e que ~~...~~ vão entretendo o tempo.

Ora hoje mandei um oficio a agradecer a comunicação do voto — comunicação que está guardada no lugar proprio, para memoria e exemplo...

A m.ª resposta ia tambem em estilo naturalmente apropriado ao caso. Amor com amor se paga.

Outro assunto, já agora.

Nos jornais de ontem vem o ultimo discurso de Baldwin, dirigido aos novos da Inglaterra e que eu não resisto a deixar colado neste diario como lição proveitosa.(1)

Como estes velhos ingleses dão lições aos novos derrancados que preferem a escravatura fascista á livre Democracia! Que contraste!

Aqui fica para meu regalo sempre que sinta nôjo com tudo quanto por aí vêjo e oiço.

Grande gente, afinal, esses ingle-

---

(1) No fim do vol. a pag. 399-400.

ses que, apesar de todos os defeitos ainda dão lições ao mundo!

E esses pigmeus, cégos, adoram o fascio como a verdadeira e unica panaceia...

(De pag. 234)

FATIMA

O nosso camarada de trabalho sr. dr. Caetano de Abreu Beirão recebeu do distinto diplomata e eminente escritor sr. dr. Alberto de Oliveira a carta que a seguir publicamos.

Fala o seu ilustre signatario no «apoio» que aquele nosso amigo quererá prestar á tese que nessa carta é versada com tanto brilho.

Entendeu o sr. dr. Caetano Beirão que melhor apoio lhe não podia dar do que confiando o autografo do sr. dr. Alberto de Oliveira ao «Diario de Noticias».

Sem que nos queiramos emiscuir na questão aqui debatida com tanta elevação, reconhecemos, no entanto, que ela é de grande interésse para muitos sectores da opinião publica portuguesa, e até para os artistas nacionais, e por isso, e pela muita consideração que nos merece o signatario da carta, temos muita honra em a inserir nestas colunas:

Meu caro Caetano Beirão — Fui agora pela primeira vez a Fátima e sinto a necessidade de lhe confiar algumas das impressões que trouxe dessa visita. Se elas encontrarem eco no seu coração e no seu espirito, não me oponho a que lhes dê o seguimento que julgar mais apropriado á vitoria de uma tese que, desde então, ficara sendo, pelo menos, *comum de dois*.

Penso que a questão de Fátima interessa quasi por igual aos crentes e aos agnosticos, pois a ninguem é dado suprimir o facto de se ter ali produzido uma extraordinaria irrupção de fé religiosa, que, segundo o mostram tantos exemplos do passado e do presente, perdurará pelos tempos fora e atraíra, em numero cada vez maior, a Portugal e á Cova da Iria, a concorrencia de catolicos do Mundo inteiro. Já hoje o nome de Fátima é de notoriedade universal e se impõe á fé, esperança e caridade de centenas de milhares de pessoas nacionais e estrangeiras. Fonte de espiritualidade e de amor ao proximo, dela nunca poderão manar senão beneficios.

Surgiu prodigiosamente Fátima em plena zona de historia e de gloria nacional, rodeada dos Lugares Santos da nossa Patria que têm por nome Batalha, Alcobaça, Aljubarrota, Tomar, Sernache do Bonjardim e, logo a seguir, Leiria, Ourém, Obidos, Santarem, etc., e em alguns dos quais a religião e a arte, em fecunda aliança, conceberam e realizaram as maravilhas que todos conhecemos e amamos.

Se não assegurarmos aos maiores artistas portugueses, na realização das obras que se projectam e se sucederão em Fátima, a oportunidade de ali legarem ao futuro um monumento condigno da nossa época e do proprio acto de fé que se comemora, deixaremos mais uma vez — e já não são poucas — atestar, injustamente, a nossa decadencia artistica e espiritual e pô-la-emos em flagrante contraste, perante os vindouros, com a grandeza do que, em circunstancias análogas, soubemos fazer outrora.

A questão não respeita apenas á Igreja nem pode ser resolvida unilateralmente. E' uma questão nacional e que, como tal, a todos se deve impor. E' uma página de historia que se abre, e nunca Portugal escreveu nenhuma senão com as letras de ouro da beleza, do patriotismo e do génio.

Bem sei que é desanimador o exemplo de Lourdes, onde nem a Natureza grandiosa, nem a fé ardente puderam inspirar os homens no que com a arte se relaciona. Um grande escritor catolico francês (Joris Karl Huysmans) chegou a propor, como unica explicação do melancolico facto, a hipotese de ter Satanaz, para se vingar do milagre da aparição da Virgem, impregnado de mediocridade e de fealdade diabolicas a obra de todos os arquitectos, escultores e pintores chamados a celebrar essa aparição.

Mas se Lourdes é, com efeito, um fenomeno quasi escandaloso de grande fé e pequena arte, não o imitemos nós em Portugal, onde uma e outra sempre andaram a par, e essa ficou sendo uma das nossas gloriosas tradições.

Convoquem-se os nossos artistas a dar todo o seu esfôrço á construção da futura basilica e da futura povoação de Fátima e a completar com o seu talento a tarefa de humildade, sinceridade e piedade de tantos corações que ali vão buscar ou levar o amparo e o socorro da fé. E' uma obrigação nacional.

De antemão lhe agradece o apoio que quiser dar a estas palavras o seu

Velho amigo e sincero admirador
ALBERTO D'OLIVEIRA

Lisboa, Outubro de 1934.

386

(De pag. 242)

VIDA DIPLOMÁTICA

DR. ALBERTO DE OLIVEIRA

A Imprensa catolica de Roma acolheu com a maior simpatia o novo representante de Portugal junto da Santa Sé

Toda a Imprensa catolica de Roma acolheu, com a mais viva simpatia, o ilustre diplomata e nosso prezado amigo, dr. Alberto de Oliveira, quando chegou á Cidade do Vaticano, e apresentou ao Sumo Pontifice as credenciais de representante do nosso país junto da Santa Sé.

Destacou-se nos elogios «L'Osservatore Romano», o orgão oficial dos catolicos, publicando no dia dessa apresentação, em artigo de fundo, noticia minuciosa, e mais adiante, na segunda pagina, o retrato e as principais notas biograficas do sr. dr. Alberto de Oliveira.

No dia seguinte, publicou ainda um novo artigo, em primeira pagina, que principia pelas seguintes palavras:

«Portugal tem, desde ontem, um novo representante junto da Santa Sé. E podemos afirmar, com particular prazer, que a sua missão começa auspiciosamente».

Conta depois que o ministro, na entrega das credenciais, evocou «justamente, em palavras de elevado estilo, as glorias catolicas da nobilissima nação portuguesa» e salientou que bem podia, mais do que outra qualquer, merecer «o titulo de *grande nação missionaria*».

Transcreve depois o texto desse documento, e faz uma sintese da resposta do Sumo Pontifice, em que ele diz, a rematar as suas palavras, que «o resumo que o ministro fizera das mais nobres e maiores glorias de Portugal, lhe davam a esperança, e traduziam a promessa, de novos triunfos e de novos serviços a render á Fé e á Civilização».

E «L'Osservatore Romano» termina esse artigo desta maneira:

«Missão auspiciosamente começada, frisamos de começo. Porque, sagrada pela palavra do Vigario de Jesus Cristo, frutificará, seguramente, em realidades, portadoras de novos feitos, que refulgirão no Mundo, para honra do zelo da grande nação catolica e fiel».

Isto implica, parece-nos, o reconhecimento das capacidades e méritos do insigne diplomata, que, junto do Vaticano, decerto escreverá mais algumas valiosas paginas da sua brilhante carreira.

———— o ————

(De pag. 278)

O recorte de jornal que deria ser colado desapareceu porque uma creada zelosa varreu um bocado de papel seu prestimo aparente, entendeu que o deria lançar a um balde com agua q. por sua vez foi lançada na sentina. Era simples a noticia: notava a nª colocação em ~~[illegible]~~ Heraultes e chamava-me um dos oficiais mais distintos do exercito ...

(de pag. 280)

I

Ministerio da Guerra. Repartição do Gabinete. — Copia. — S.P. — Ministerio do Interior. — Gabinete do Ministro. — Copia. — Governador Civil do Distrito de Santarem. — Confidencial. — Gabinete. — S.P. — Santarem, 14 de Novembro de 1935. — Ex.mo Sm. Ministro do Interior. — Excelencia. — . . . . . .

. . . . . No passado domingo foi o dr. Manuel Fernandes intimado a apresentar-se na Administração do Concelho, a fim de ser ouvido no respectivo processo. As suas declarações acabáram de ser prestadas ás 6 h. da madrugada e a essa hora recolheu a sua casa. — Ao principio dessa noite começaram a juntar-se grupos no largo fronteiro á Administração do Concelho que discutiam em termos acalorados os acontecimentos, grupos esses que, por se irem avolumando cada vez mais, levaram o Administrador do Conc.º a requisitar a intervenção da Guarda Nacional Republicana do comando do Tenente Vilela que a esse tempo já estava informado do que se passava pelo sargento comman-

daute do posto da referida Guarda e que logo para ali se dirigiu com os poucos soldados de q.e pode dispôr. — A Guarda foi recebida com vivas á Republica e ao Dr. Manuel Fernandes; mas quando procurou despejar a praça, por o proprio comand.te temer que se juntasse mais povo, ao tempo cerca de 200 pessoas, encontrou resistencia e teve de distribuir algumas coronhadas p.a dissolver os grupos e limpar a praça e ruas circunjacentes, evitando distúrbios ou algum desacato ás autoridades. — De lamentar é que desses grupos fizessem parte alguns oficiais e sargentos da guarnição da cidade cuja presença mal colocava os sold.os da Guarda que não lhes podiam dar ordens e que com o seu exemplo de passividade levaram os populares a não obedecerem prontamente ás indicações recebidas. — Como V.Ex.a póde bem avaliar deste succinto relato, a situação da ordem publica em Alcantara é muito melindrosa e o mais pequeno pretexto pode servir de indicio a um grande desastre. — Para o combater ou evitar não tem o posto da G. N. R. daquela cidade o efectivo necessario e suficiente. — Peço, pois, a V.Ex.a que com a maior urgencia se digne mandar reforçar

çar o referido posto, pelo menos com do-
ze soldados. — Facil tambem é tirar a
ilação da grande inconveniencia que resul-
ta do facto de officiaes e sargentos da guar-
nição se immiscuirem pela forma por q.
o fazem e de que o exemplo affrontado é
um symptoma alarmante, nas questões po-
liticas que infelizmente dividem o Concelho.
— Por isso tomo a liberd.e de lembrar a V...
de, pelo Minist.º da Guerra, se averiguar
quaes os officiaes e sargentos que se envol-
veram nos acontecimentos, recommendan-
do-se a todos que se abstenham da pratí-
ca de actos que contribuam para a manu-
tenção da divisão que reina no Concelho e
irritação permanente contra as autorid.s
delegadas do Ministerio do Interior. — A
bem da Nação. — O Governador Civil (a)
Emprerio de Mascarenhas Viana de Lemos
— Está conforme. — Gabinete do Ministe-
rio do Interior em Lisboa, 18 de Novembro
de 1935. — Pelo Chefe do Gabinete (a) Luis
Supico Pinto, secretario. — Está conforme.
— Ministerio da Guerra, Lisboa, 19 de No-
vembro de 1935. — O official adjunto deste
Gabinete (a) Antonio Faro Negrão, tenen-
te. ———————————————

II

Serv. da Repub.ª — Comando militar. Secretaria. — N.º 87. Confidencial. — Alvarães, 25 de Novembro de 1935. — Ao Ex.mo Snr. Coronel Belisario Pimenta, Chefe do S.R. R.2. — Alvarães. — Para os devidos efeitos informo V.Ex.ª que, segundo comunica a 2.ª Repartição do E.G. da 3.ª Região Militar, em sua nota — confidencial n.º 145 de ontem, foi por despacho de S.Ex.ª o General Comandante da Região nomeado V.Ex.ª para continuar as averiguações que se encontram em poder do Ex.º Ten.te Coronel Pedro de Arruda Cruz, Sub-chefe desse Distrito pelo que nesta data se solicita do mesmo Senhor a entrega do respectivo processo. — Pelo Comandante Militar — (a) António José de Matos Raimundo, major.

III

Relatório.

Ex.mo Snr. — Procedi ás averiguações ordenadas pela nota n.º 143, confidencial, de 21 de Novembro p.p. do Comando da 3.ª Região M.ar e ouvi, para isso, 35 pessoas desta localidade das quais 16 apresentadas pela autorid.e administrativa como suficientes p.a comprovarem os factos censuraveis a que se refere o ofício confiden-

cial do Governo Civil de Santarem (cuja cópia, em parte, acompanhou aquela nota) e nos quais pareciam estar envolvidos oficiais e sargentos da guarnição. — Assim, o Administrador do Couc.º declarou que «teve conhecimento» ou que foi «notório» que na noite de 10 de Novembº p.p. pelas 21 h. na altura em q.e na Praça da Republica se fazia certa manifestação de solidariedade a um clinico alcantarino chamado á Administração para prestar declarações por qualquer motivo de ordem mais ou menos politica, o Ten.el coronel João Inacio Guerreiro do quadro da reserva, o capitão Luis Corte-Real de Almeida, o tenente João Duarte Marques, os 1.os sargentos Mario Henriques Leitão e José Maria Paquete e o 1.º sarg.º artifice Afonso dos Santos, todos do Reg.to de Inf.a nº 2, andárão por entre grupos de manifestantes «em "atitude bastante suspeita» encorajando com a sua presença os desordeiros e causando por isso certo embaraço á força publica quando esta teve de mandar dispersar a multidão por solicitação da nossa autorid.e — Ora de tudo o que ouvi, em especial á acusação, nada se prova contra os militares mencionados. A prova negativa devo dizer até que foi dada

quasi toda pelas proprias testemunhas acusatorias o que simplificou, evidentemente, a minha deligencia e desde logo me deixou tranquilo quanto a culpas que prometiam ser desagradaveis. — E o que se apurou foi que, na ver.ª, esses oficiais e sargentos foram vistos na Praça da Republica a horas diferentes, mas pacificamente, sem terem qualquer intervenção a favôr ou contra; sem que, da sua attitude, se podesse inferir qualquer intenção favoravel á manifestação que se projectava; e muito menos que, por gestos ou palavras, tivessem procurado evitar a acção das forças de Infant.ª e Guarda N.al Republic.ª e de tres agentes de policia de segurança que fizeram dispersar o ajuntamento. — Não tenho duvidas acerca disto depois de muitos dias passados a ouvir attentamente e com a maior tolerancia, individuos de todas as classes e de nacionalidades diversas; e de tudo ainda concluí (o q.e era aliás o mais facil) que em Alhandra ha grande luta politica e que, quando ha de ser, se agarram, segundo a frase popular, as ocasiões pelos cabellos. — Os percalços do dia 10 de Novembro foram dessas; não outro mas razões ou sem razões da luta com que

nada tenho; apenas objectivamente procurei ver a acção que os acusados tiveram e não encontrei senão o seguinte: a) O tenente-cor.el Guerreiro, moradôr na Praça da Republica, ao ver o ajuntamento saiu á procura do seu filho, rapaz anormal, com sérias perturbações mentais e epilecticas; andou em busca dele com mêdo de más consequencias. — b) O capitão Luis Corte-Real de Almeida, parente, por afinid.e, do Dr. Manuel Fernandes, e ao qual deve grandes atenções como medico e amigo, algumas vêzes atravessou a Praça p.a ir á Administração saber o que o detido necessitava, providenciar acerca da comida, agasalhos, etc. etc. — c) O tenente João Duarte Marques tinha um filho muito doente a quem nessa tarde seria feita uma conferencia pedida pelo medico detido, seu assistente, com outro colega da cidade; o seu nervosismo era manifesto por não ver sair o medico e saber as pióras do filho, mas sempre afastado do ajuntamento, ora na pequena parada exterior do quartel, ora dentro do proprio quartel. — d) Os dois 1.os sargentos Leitão e Paquete atravessáram a Praça a caminho do Cinema que é perto; e durante a manifestação e intervenção das forças estiveram

assistindo ao espectaculo: das 21 h. ás 23 h. 30 m. — e) O 1º sarg.to artifice Santos passeiou na Praça, como é seu costume, até o recolher, hora a q. se dirigiu a casa e só soube dos acontecim.tos no dia seguinte. — Os agentes da policia de segurança; os oficiais e sargentos do R. I. nº 2 e Guarda Nacional Republ.ª que comandaram as forças que intervieram; o proprio comandante militar interino que presenciou os factos e o oficial de dia ao regimento, não viram qualquer oficial ou sargento na Praça porque os muitos q. de costume ali passeiam ou por curiosid.e olhávam o ajuntamento, se retiráram prudentemente muito antes da intervenção. — As malquerenças politicas (que parecem em faze aguda neste momento) leváram ao excesso de informar mal a autorid.e que claramente diz que não viu mas sim ouviu dizer ou ser notorio; essas informações evidentemente malévolas, fizeram com que ela chamasse superiormente a atenção p.a sucessos que, a serem verdadeiros, eram censuraveis; porem, felizmente para os visados, destituídos de fundamento. — Poderia dizer ainda que estranhei serem visados só tres oficiais e tres sargentos quando se provou que andávam mais

na Praça passeando naquele citado período de tempo anterior á intervenção da força; poderia insistir no facto de serem as proprias testemunhas dadas como acusatórias que afirmáram não terem os incriminados tèrem qualquer atitude censuravel na altura dos tumultos; mas isso poderia, porventura, exceder o fim das m.as averiguações e poderia dar qualquer tom de parcialid.e que não tenho nem quero ter. Basta-me a convicção em q.e fiquei de que as acusações foram forjadas propositadamente e que a autoridade administrativa foi enganada facilmente no momento em que a manifestação de solidariedade era, implicitamente, de desagrado a uma sua resolução. — O Tenente João Duarte Marques, o oficial mais visado, solicitou-me para apresentar a V... a exposição em que justifica largamente os fundamentos que se lhe dá da sua vontade contra ele. Se bem que a larga exposição que vai junta não tenha ligação directa com os excessos que procurei averiguar julgo não dever limitar a sua defesa e por isso a remeto a V... p.a os fins julgados convenientes. — Quartel em Abrantes, 12 de Dezembro de 1935. — (a) J. B. Pinheiro —

(De pag. 293)

Fala o Major-General do Exercito

O sr. general Morais Sarmento, Major-General do Exercito, proferiu depois as seguintes palavras:

Cabe-me, por lei, a honra de apresentar a V. Ex.ª os cumprimentos do Exercito. No momento grave em que a Europa se debate e dadas as especiais circunstancias do Exercito Português, faço esses cumprimentos com a maior satisfação, no que julgo bem interpretar o sentimento de todo o Exercito, pois que todo ele deseja, mais do que nunca, valorizar-se para poder arcar com as pesadas responsabilidades que amanhã lhe poderão ser exigidas.

Em momento tão dificil, conveniente é que tudo quanto se refere á Defesa Nacional obedeça á superior orientação de quem no elevado cargo de que V. Ex.ª está investido tão sobejas e incontestaveis provas tem dado de um superior espirito organizador e de um alevantado e grande patriotismo.

Quis V. Ex.ª, em consequencia das funções que exerço e por virtude de delas ter solicitado dispensa, elucidar-me sobre os pontos de vista de V. Ex.ª acérca da grave questão da Defesa Nacional, e perdôe-me o gava deverem ser os principios orientadores da Defesa Nacional em Portugal.

Em mais de 44 anos de vida militar jamais me pesa na consciencia ter praticado a lisonja; falo com a convicção que me é dada pelo conhecimento de uma situação e de um momento que bem conheço: V. Ex.ª era a unica pessoa que, na dificil hora que atravessamos, podia com proveito para Portugal exercer o cargo de ministro da Guerra, e, assumindo-o, revela bem conhecer a situação presente, a sua gravidade e delicadeza.

No exercicio do cargo de que hoje se investe, pode V. Ex.ª contar com a boa vontade e dedicação de todo o Exercito, do qual vai conhecer e apreciar as grandes qualidades morais, e verá que ele está sempre pronto a todos os trabalhos e sacrificios para sua maior honra e gloria da Patria. Assim saibam compreendê-lo e dirigi-lo.

De mim, sejam quais forem as funções em que V. Ex.ª me quiser utilizar, contará com uma fraca inteligencia mas com a mais decidida boa vontade em servir a Patria e o Exercito sob a superior orientação do V. Ex.ª.

(De pag. 305)

O general Queipo de Llano

avisa as povoações da Andaluzia de que exercerá sangrentas represalias onde forem atacadas forças do seu comando

SEVILHA, 21 — O general Queipo de Llano, comandante militar da Andaluzia, fez, perto da meia-noite, pela «Radio-Sevilha», uma comunicação ao povo daquela região militar dando-lhe conta dos ultimos acontecimentos de Espanha, favoraveis á causa dos revoltosos.

Serviu-se para isso, em grande parte, das noticias transmitidas pelo posto português Radio Club, da Parede.

Terminou a sua fala por dizer que mandara, em camiões, uma força de regulares de Ceuta, em direcção a Cordova, e que a sete quilometros de Sevilha essa força havia sido atacada, com violencia e surpresa, por um bando marxista, que se embrenhara num bosque de eucaliptos. Isso levou os regulares a cercarem os atacantes, em numero de 30, e a mata-los. Mais adiante — disse ainda — ao chegarem perto de Carmona, marxistas ocultos no castelo atacaram tambem os soldados do Tercio, causando-lhe 14 baixas. Indignados, os regulares assaltaram o castelo á baioneta e mataram e feriram os seus ocupantes, em numero de 100.

Estes dois casos — acrescentou em voz forte o general Queipo de Llano — mostravam-lhe que tinha tido até agora demasiada paciencia, e, por isso, prevenia todas as povoações daquela região que, a repetirem-se esses factos, onde isso de futuro acontecesse exerceria represalias de tal forma violentas que delas se falaria por longo tempo em Espanha.

SERVIÇO DA REPÚBLICA

EDITAL

Distrito de Recrutamento e Reserva N.º 2

Revista de Inspecção às praças licenciadas do Exército activo e da reserva activa

FAÇO saber por esta forma às praças acima mencionadas e omiciliadas na freguesia de ..... concelho de ..... que devem compaecer no ..... o dia ..... de ..... de 1936, às ..... horas, com as suas cadernetas militares, afim de lhes ser passada a revista de inspecção determinada no Regulamento Geral do Serviço do Exército.

As que faltarem a esta obrigação serão punidas conforme o tado Regulamento.

Nos dias em que no referido concelho funcionar a junta de ecrutamento, será passada revista por aquela junta, fora das oras destinadas ao seu funcionamento, a qualquer praça que ssim o deseje.

São dispensados da revista de inspecção:

a) Os oficiais e aspirantes milicianos licenciados.

b) As praças da reserva territorial que serviram no Exército activo e os alistados no activo do D. 2406 e 2407 de Março de 1916.

c) Os isentos condicionalmente nos termos da lei 566 de 7-6-916.

d) As praças da reserva territorial das classes de 1911, 1912, 1913, 1914 e 1915.

e) As praças da classe anterior à do ano em que se realiza a revista.

f) Os territoriais com instrução.

As praças que não tenham em seu poder a caderneta militar e ignorem onde esteja arquivada, devem dirigir-se ao D. R. R. da sua naturalidade, afim de êste informar qual a unidade ou D. R. R. que a possa ter em depósito.

Quartel em Abrantes, ... de ..... de 1936.

O CHEFE

Belisário Pimenta

Coronel

Minerva, L.da — Abrantes

Serviço da Republica

EDITAL

DISTRITO DE RECRUTAMENTO E RESERVA N.º 2

Revista de Inspecção às praças das Brigadas de Telegrafistas

FAÇO saber por esta forma que as praças acima mencionadas, domiciliadas na freguesia de ..... , concelho de ..... devem comparecer no ..... no dia ..... de ..... de 1936, às ..... horas, conjuntamente com as praças licenciadas do Exército Activo e da Reserva Activa, com as cadernetas militares afim de lhes ser passada a revista de inspecção determinada no Regulamento Geral dos Serviços do Exército.

As que faltarem a esta obrigação, serão punidas conforme o citado Regulamento.

Quartel em Abrantes, ... de ..... de 1936.

O CHEFE,

BELISÁRIO PIMENTA

Coronel

COMANDO DA 3.ª REGIÃO MILITAR

1.ª REPARTIÇÃO

Tomar, 8 de Fevereiro de 1936

Ao Snr. Chefe do D. R. R. 2

Avrantes

Para cumprimento, por ordem do Ministério da Guerra, devendo os elementos pedidos ser enviados a êste Quartel General até ao dia 20 do corrente.

O Chefe do E. Maior, intº

Recebido 10/2/936 N.º 1009

Respondido ..../..../.... N.º ....

UNIÃO NACIONAL

Nº 129/4
Pº 1

Exº Snr.

Certamente, é do conhecimento de V.Exª que, por iniciativa da União Nacional, se realizara em Lisboa, no próximo mês de Maio, uma exposição comemorativa do ANO X da Revolução Nacional.

Para a sua organização foi nomeada uma Comissão que iniciou já os seus trabalhos e que é constituída pela forma seguinte:

Presidente - General Teófilo da Trindade
Vice-Presidente - Engenheiro Nobre Guedes
Vogais - Engenheiro Rodrigues da Silva
- Engenheiro Barbosa Braga
- Arquitecto Paulino Montez
- Engenheiro Castro Rodrigues
- Engenheiro Cassiano de Oliveira.

No intuito de dar cumprimento ao seu mandato, dirige-se esta Comissão a V.Exª, solicitando que lhe seja fornecida uma relação desenvolvida dos diversos trabalhos realizados desde Maio de 1926 através dêsse Ministério e de que resultaram, directa ou indirectamente, benefícios colectivos.

Indispensável é, evidentemente, que essa relação venha acompanhada, tanto quanto possivel de números, dados estatisticos e outros quaisquer elementos de informação que permitam fazer uma apreciação tanto qualitativa como quantitativa daqueles benefícios.

Esta Comissão resolverá depois sôbre a melhor forma de serem exibidos aqueles resultados de modo que a Exposição atinja o seu objectivo que é apresentar de uma forma bem concreta a fôlha dos serviços prestados à Patria pela Revolução Nacional.

Muito conviria que V.Exª mencionasse quais os trabalhos de que pode fornecer fotografias e indicasse, desde já, qual o funcionário com quem a Comissão se poderá entender para pedidos de esclarecimentos e que será, por assim dizer, o elemento de ligação entre esta Comissão e êsse Ministério.

Com os elementos que os diversos organismos se dignem fornecer, a Exposição será organizada obedecendo a um plano de representação pehamonica, de acôrdo com os princípios estéticos a estabelecer pela Comissão.

Por êste último motivo, não será necessário que os diferentes organismos elaborem gráficos, esquemas ou desenhos demonstrativos, a mais daqueles que os serviços já disponham nêste momento.

O que interessa essencialmente à Comissão, são os elementos descritivos e numéricos a que acima se faz referência.

Sendo muito limitado o prazo para tão grande trabalho, vê-se a Comissão forçada a solicitar de V.Exª a remessa dos elementos pedidos até ao dia 15 de Fevereiro próximo.

A bem da Nação

Lisboa, 13 de Janeiro de 1936

O Presidente da Comissão
(General Teófilo da Trindade)

660
(733)

UNIÃO NACIONAL

Nº 129/4
Pº 1

Exº Snr.

Certamente, é do conhecimento de V.Exª que, por
União Nacional, se realizará em Lisboa, no próxi
uma exposição comemorativa do ANO X da Revolução
Para a sua organização foi nomeada uma Comissão
os seus trabalhos e que é constituída pela forma

Presidente - General Teófilo
Vice-Presidente - Engenheiro Nobre
Vogais - Engenheiro Rodri
- Engenheiro Barbo
- Arquitecto Pauli
- Engenheiro Castr
- Engenheiro Cassi

No intuito de dar cumprimento ao seu mandato
Comissão a V.Exª, solicitando que lhe seja forne
desenvolvida dos diversos trabalhos realizados d
através dêsse Ministério e de que resultaram, di
tamente, benefícios colectivos.
Indispensável é, evidentemente, que essa relaç
nhada, tanto quanto possível de números, dados e
outros quaisquer elementos de informação que per
apreciação tanto qualitativa como quantitativa
cios.
Esta Comissão resolverá depois sôbre a melhor
exibidos aqueles resultados de modo que a Exposi
objectivo que é apresentar de uma forma bem cons
serviços prestados à Patria pela Revolução Nacio
Muito conviria que V.Exª mencionasse quais os
pode fornecer fotografias e indicasse, desde já
rio com quem a Comissão se poderá entender para
recimentos e que será, por assim dizer, o elemen
tre esta Comissão e êsse Ministério.
Com os elementos que os diversos organismos e
a Exposição será organizada obedecendo a um plan
hamonica, de acôrdo com os principios estéticos
la Comissão.

REGIÃO MILITAR

ARTEL GENERAL

1

1.ª Repartição

.ª Secção

N.º 267/1

Urgente

SERVIÇO DA REPÚBLICA

Marc.

TOMAR, 13 de Fevereiro de 1936

Ao Sr. Chefe do D. R. R. 2

Abrantes

Ref.ª

Em aditamento ao oficio nº129/4 Pº1 da União Nacional, de 13 do mez findo e para cumprimento pelo determinado pela Repartição de Gabinete do Ministerio da Guerra, em nota circular urgente, de ontem, nº803, Sua Exª. o General Comandante da Região encarrega-me de dizer a Vª.Exª. que não se torna necessario prestar qualquer informação especial àcerca das verbas empregadas em obras de construção ou reparação em edificios realisados com intervenção de S.O.P.M., visto que tal trabalho fica a cargo da Direcção da Arma de Engenharia, englobando todo o Paiz.

Àcerca de fotografias torna-se tambem necessario que seja indicada a existencia das que possam dispôr as unidades e serviços, sobre instalações e edificios melhorados ou construidos de novo, depois de 28 de Maio de 1926.

O Chefe do Estado Maior, intª

Alfredo Ernesto da Cunha

Alfredo Ernesto da Cunha
Tenente coronel

Recebido 14/2/936 N.º 1163

Respondido ... N.º ...

661
(734)

(De pag. 319)

(Telefonema)

Manoel dos Santos Tavares
alcunha (Manoel Passaro)
um comunicta perigoso que ha ordem
de o prender passou em Montalvão
de noite, dizendo vir ao D.R.R. e a
ligalisar a sua situação militar

Do Posto da Guarda Fiscal
de Montalvão

(De pag. 343)

Coronel Belizário Pimenta

Referindo-se à nomeação deste ilustre oficial para o comando de Infantaria 7, diz o nosso prezado colega «Diario de Coimbra»:

«O sr. coronel Belizário Pimenta, vai comandar o regimento de infantaria 7 que tem sede em Leiria. Homem de valor comprovado, com uma brilhantissima folha de serviços, vai, por certo, dar á unidade que passa a comandar a orientação que o seu espirito de organizador e de comandante sabem impôr.

O sr. coronel Belizário Pimenta é um oficial competentissimo.

Infantaria 7 sentirá dentro em breve os efeitos beneficios que lhe levará o comando do sr. coronel Belizário Pimenta.

Felicitamos efusivamente sua ex.ª».

Temos pelo sr. coronel Belizário Pimenta a maior consideração e por isso transcrevemos gostosamente estas palarras de merecido louvor e justiça.

Como oficial, como escritor, como chefe de familia e como cidadão, o sr. coronel Belizário Pimenta é uma figura que se impõe à consideração geral.

(De Pag. 359)

«Portugal»

Suplemento ao n.º 16

Ex.mo Sr. Coronel Belizário Pimenta

Leiria

Cumprimentando V. Ex.ª endereçamos-lhe o nosso jornal esperando que, como bom nacionalista aceite a sua assinatura, contribuindo assim para a luta anti-comunista em que estamos empenhados.

«A REDACÇÃO»

(De pag. 375)

No dia 18, pelas 14 horas e meia, realizará, no salão de festas do Colégio, uma conferência sôbre «*Os Batalhões Académicos de Coimbra—Ligeiras Notas*», o brilhante investigador sr. coronel Belisário Pimenta, digníssimo Comandante do Regimento de Infantaria n.º 7.

Como de costume, a entrada é pública.

Conferencia do sr. coronel Belisário Pimenta na Academia Figueirense — E' aguardada com muito interesse a conferencia que o ilustre oficial sr. coronel Belisário Pimenta vem realizar à Academia Figueirense, no próximo domingo, 18 do corrente, pelas 14 horas, sob o sugestivo tema: — «Os batalhões académicos de Coimbra».— C.

(De pag. 383)

NA INGLATERRA

Um notavel discurso de Baldwin ás juventudes do Imperio

LONDRES, 18—Baldwin pronunciou esta noite, no «Albert Hall», por ocasião da reunião da juventude do Imperio, um dos seus ultimos discursos, senão o ultimo, da sua carreira politica. As palavras do primeiro ministro, que foi alvo de entusiasticas ovações, parecia ser uma especie de testamento politico que o velho homem de Estado deixava ás jovens gerações, na vespera da sua retirada.

Baldwin declarou, nomeadamente: «Nós, que pertencemos á antiga geração, desaparecemos, e vós, jovens, sois os dirigentes do futuro. E' a vós que confiamos a tarefa de conservar e salvaguardar o que, do nosso passado, da nossa herança e das nossas tradições, valer a pena. Ficam a vosso cargo a nossa honra e todas as nossas esperanças. Competir-vos-á proteger a democracia em todas as partes do imperio onde a virdes. A democracia precisa de ser tão defendida contra os perigos externos, como contra os internos, e pode bem suceder que tenhais de a defender contra ela propria. Tereis de mostrar ao mundo que nada há na democracia, nos seus principios, nos seus fins ou nos seus metodos que provoque, necesseariamente, timidez ou mediocridade. A coragem e a disciplina são tão indispensáveis á democracia, como o são á ditadura. A democracia exige direcção, tal e qual como a ditadura, porque não se apoia na força».

Aludindo á situação externa, Baldwin pôs os jovens em guarda contra os perigos que ameaçam a paz: «A liberdade para todos, que devia ser o fruto da vitoria, no dia seguinte ao da guerra, está uma vez mais comprometida, porque há paises em que os homens foram privados dela. Podeis tentar explicar estes ultimos vinte anos sob o ponto de vista economico ou politico. Mas o que está claro é que, hoje, a Europa não está nem em estado de guerra, nem de paz. Contudo, há alguma coisa de peor ainda, é que em alguns meios a paz é considerada como um sonho mau e a guerra glorificada como um ideal para os homens razoaveis. Emquanto durar o Imperio britanico, faremos ouvir as nossas vozes, para protestarmos contra esses falsos deuses».

Baldwin prosseguiu: «Aqui, na Inglaterra, deixamos de ser uma ilha, mas somos ainda um imperio. Qual é, pois, o seu segredo? A liberdade! Mas uma liberdade ordenada dentro da le-

galidade, com força nos bastidores e não no proscenio. Uma sociedade em que a autoridade e a liberdade se misturam, em que o Estado e o cidadão são ao mesmo tempo o fim e o meio. Somos um imperio organizador para a paz e para o desenvolvimento livre do individuo, um imperio que não desafia nem o Estado, nem os seus chefes. A velha doutrina do direito divino dos reis já não existe, mas não tencionamos substitui-la por uma nova doutrina do direito divino dos Estados, porque nunca um Estado na terra foi digno da adoração do homem livre. Os jovens soberanos a que tivemos a alegria de prestar homenagem nestes dias memoraveis são servidores do povo soberano. O rei é o simbolo da união, não sómente do imperio, mas tambem da sociedade, cujo laço é a ideia que ela faz da natureza fundamental do homem. Para o Estado cristão, a personalidade humana é um bem supremo. Qualquer discussão sobre o valor infinito da alma humana leva direito á selvajaria. O facho que vos quero passar e que vos peço que espalheis por todas as estradas do imperio é a grande verdade cristã: tratai os homens como fins e não como meios, e vivei para a fraternidade humana, que deve vir de Deus».—H.

— Indices —

I : Anos
II : Nomes proprios
III : Varia.

B - 51

I

Anos:

1933 : . . . . . 1 – 163

1934 : . . . . . 164 – 238

1935 : . . . . . 239 – 282

1936 : . . . . . 283 – 363

1937 : até Maio . . . . . 364 – 384.

II

Nomes proprios

Alberto, rei da Belgica : 74

Alentem, 3º conde, Antº de Almeida Soares de Lencastre : 35

Almeida [Antº José de] : 219.

" [Ferrand Pimentel de] : 175-176.

" [João de], general : 244, 248.

" [Mel Lopes de], Profor : 209-210 e 213.

Amaral [Carlos], miliciano, advogado : 273 e 276.

" [Herculano do], major : 292 e 302.

Andrade [José Mª do Vale de], corel : 292.

" [Tristão Freire de], corel : 243.

Antas [1º Conde das] : 299.

Aragão [Gilberto Bessa], juiz : 239, 240, 241-242.

Arnoso [Conde de], Bernardo Pindela : 234.

Azevedo [Julio Schiappa de], genal : 2-7, 16-17, 35-39, 39-43, 70-71, 161, 166-167, 191, 192-193, 245 e 248.

Baião [Antonio] : 187.

Baldwin [Lord] : 383

Baudeiro [Marquês de Sá da] : 299.

Barreto (Dr. Bissaia): 369.
Basto (Artur Carlos de Barros), capitão de Infantaria nº 6: 49-50
Bastos (José Albto da Silva), general: 294 e 296
Batalhão (dr. Carlos): 208-209.
Boléo (dr. Manuel de Paiva): 175.
Bomfim (1º Conde de), Travassos Valdez: 299.
Bordalo (Albto Alencoão da Fonseca), juiz auditor: 75, 120, 124, 146 e 158.
Botelho (José Justino Teixeira), general: 152-153, 164-165 e 188-189.
Bourget (Paulo): 60
Brites (dr. Geraldino): 28 e 232.
" (dr. Luis) advogado: 232.
Calado (Rafael Salinas): 376.
Camacho (dr. Manuel de Brito): 218-219.
Campos (dr. Agostinho de): 257 e 259-260.
Canto (Francisco Bernardo do), general: 292-293, 294, 295 e 280.
Cardoso (dr. José Mª), notario: 208.
Carreiro (José Bruno Tavares): 237-238.
Carvalho (. . . . Ferraz de), tente: 220.
" (dr. Joaquim de): 173-174, 210, 210-213, 213, 257-258, 258 e 299-300.
Castro (Albino Caudº Pinhro de), corel: 304.
" (dr. Augusto Mendes Simões de), In memoriam: 23 e 168.
" (João Passos Perª de), corel: 294
" (Joaqm Pimenta de) genal: 220-222.

Carejeira (M.el Gonçalves), cardeal: 112-114 e 181-182.
Casar (Vitoriano José), general: 190-191 e 221.
Chaves (Castelo-Branco), escritor: 159.
" (Franc.o José de Oliv.a Sá), cor.el: 25.
Cidade (Hernani): 53 e 211-213.
Coelho (Franc.o de Oliv.a), ten.te: 313-314.
" (Raul de Menezes Vieira), cor.el: 73.
Correia (dr. Vergilio): 96-97, 168 e 182-183
Costa (Fernando dos Santos), tenente: 272, 275-277 e 292-294.
Cota (dr. Joaquim), medico em Penafiel: 51.
Cristo (Franc.o Manuel Homem): 30
Cruz (José Pires da), ten.te chefe-musica: 12.
" (Pedro) aviador: 268 e 278.
Cunha (Alb.to Guerreiro Peixoto e), general: 377-379, 379-382.
" (Alfredo Ernesto da), ten. cel: 300, 304 e 377-382.
Damião (Julio): 240, 287 e 296.
Dias (Antonio), miliciano e advogado: 273.
Donato (José Ernesto Marques): 266-267.
Eça (Ant.o Julio da Costa Per.a de) gen.al: 266
Esteves (Antonio): ver Sombrio (Carlos)
Ey (Luisa) escritora alema: 174-175.
Faceira (Luis Per.a), capitão: 76
Faria (Joaquim Jeronimo Cardoso de Brito) ten. coronel: 75
Fernandes (dr. Manuel), medico: 277.

Ferreira {Ant.º Aurelio da Costa} : 221 e 237.
" {Armão Ferreira} redactor : 158.
" {Henrique Pimenta da Costa} : 177-181.
" {Marino Simões}, capitão : 367-368.
" {Rui Pimenta da Costa} : 208-209.
Ferro {António} : 184, 195-196 e 204.
Figueiredo {Antero de} : 287.
" {Ant.º de Mesquita} : 191-192.
" {Mario de}, político : 29.
Fischer {Jacinto dos Reis}, gen.al : 376.
Fonseca {Jaime Tomás da} major : 365-367.
" {Teofilo José Rib.º da}, aviador : 109.
" {Tomás da} : 14-15, 18, 30, 30, 97-98, 99, 153-154, 227 e 371.
Fontes {dr. Vilar} : 176-181.
Franco {José Vilar}, cor.al : 347 e 372.
" {Luis Aug.to de Oliv.a} major : 193-194.
Freitas {José Vicente de}, gen.al : 10-11, 11, 13, 16-17, 20 e 29-43
Galrão {dr. Carlos} medico : 214-217.
Garcia {Alberto Torres} : 343-344.
Girão {dr. Aristides de Amorim} : 258.
Godinho {Coleu} cor.al : 84, 88 e 264.
" {José Garcia Marques} ten.te cor.al : 270
Gomes {Amaro de Azevedo} alm.te : 221.
" {Francisco} cor.al : 219, 221 e 225.
" {Mario de Azevedo} agronomo : 159.
Gonçalves {Ant.º Augusto} : 96-97 e 168.
Henrique {Infante D.} : 20

Henriques {D. Afonso}: 255.
Herculano {Alexandre}: 165-166.
Hitler {Adolfo}: 289
Iglesias {Julio Cesar Gil}, cor.el: 8, 10, 20 e 36.
Jorge {dr. Ricardo}: 295.
Junot {Andoche}: 322 e 339.
Jungueiro {Guerra}: 65-69.
Laro {dr. Domingos}: 206-207.
Leal {José Augº Correia}, o Recta-Pronuncia: 23.
Leiria {Bispo de}: D. José Correia da Silva:
348, 352-353.
Leite {dr. Duarte}: 211-213.
Leitão {Parada}, major de Inf.ª: 9-10 e 31.
Lemos {Alb.º Viana de}: 239, 240 e 241.
" {João de}, funcion.º da C.G.D.: 362, 375.
Lencastre {Julio Garcez de}: 346 e 347.
Lima {Henrique Campos Ferreira}: 118-119,
154, 173-174, 272-274, 275-277 e 370.
Lobo {Carlos Arrochela}, capitão: 51-52.
" {Elisio Mario dos S.tos}, Ten.te cor.el: 301-302.
" {Franc.º Rodrigues}, Poeta: 324.
Lopes {Almeida}, cor.el Inf.ª: 376.
" {Bernard.º Reis}: 47-48.
" {João Carlos Grav.º}, gen.al: 220.
Macedo {Antonio Mascarenhas}: 232.
" {dr. Arnaldo}: 230-231.
Machado {Ernesto da França} cor.el: 253 Cis.
" {Francisco Soares Lacerda}, gen.l:
294-295, 300, 304, 323-324.

Madaíl [Ant.º G. da Rocha]: 23, 256-267.
Malafaia [Enrico], ten.te: 35.
" [D. Margarida Brandão]: 35-39.
Manso [Joaquim] jornalista: 90, 97-98.
Marco Aurelio: 60
Marques [Amilcar da Piec.ra], ten. med.º: 313-14.
" [Arnaldo Vitor], ten.te: 118-119, 154, 158 e 171.
Martins [dr. Gardete], medico: 220.
" [Luis Aug.to Ferreira] g.al: 188 e 372
Matos [José Mendes Norton de], gen.l: 188
Mauricio [P.e Domingos]: 101.
Meireles [D. António], bispo do Porto: 297.
Melo [Argel de], ten.te: 362, 375-376.
" [Ernesto de], func.º finanças, em Penafiel: 160-161.
Mendes [Calisto]: 129.
Mendonça [Luzarte de]: 102.
Meneses [Ed.º Carv.º], C.el da A.M.: 22-23.
" [Mario Rib.º de], cor.el: 245, 249-252.
Mergulho [Fernando], ten.te: 274.
Montaigne: 231.
Monteiro [Alb.to dos Santos Per.a], cor.l: 270-271.
" [Henrip. Pires], cor.el: 23, 188, 198-200, 205-206, 265-266 e 382-383.
" [Marcelino], ten.te cor.l: 9-10.
Mota [dr. Carlos da Costa], medico: 227
" [José Viana da], pianista: 359.
Murias [Manuel]: 370-371.

Mussolini : 289.
Navarro (Saul), jornalista brasil.º : 260
Nazareth (Vivorino) : 165.
Neto (David), capitão : 204-205.
Nobre (dr. . . . .), prof.or do liceu : 220
Oliveira (Agostinho Barreto de) : 22-23.
" (dr. Alberto de) : 234, 235 bis, 242-243, 259, 280 e 362-363.
" (Luís Alberto de) ministro da Guerra : 105-106, 109-112, 155 e 192-193.
Osorio (dr. Antonio) : advogado : 10
Pacheco (dr. Ant.º Faria Carneiro), ministro : 283-284 e 347-349.
Pais (dr. Sidonio) : 215-216.
Palat, comerciante em Lx.ª : 307-309.
Pereira (Barras), ten.te : 279.
Pessoa (dr. Alberto Cupertino) : 205-206.
Pimenta (José Augusto) : 57-59, 161, 185 e 231.
" (Teodorico), capitão : 322.
Pina (Adolfo Cesar) : 220
Pinto (Afonso Henriques Barbeitos), cap.al : 37-38, 45-46 e 49.
" (dr. Alberto de Moura) : 222, 224 e 225.
Pires (Henrico D. Saturnino Pires) : 24 e 26-27.
Prata (Franc.º Rolão) : 29-30
Queiroz (Eça de) : 365.
Quental (Antero do) : 237.
Quintanilha (dr. Aurélio) : 29 bis.
Quintas (D. Lucinda) : 334-335.

Raimundo {Ant.º José de Matos}: 274 e 330.
Reis {Luís da Camara}: 159-160, 166, 254-255, 258 e 382.
" {Mendes dos), Ten. cor.el: 171-172.
Roçadas {José Dias.ro Alves}, gen.al: 265-266.
Rodrigues {Ernesto }, Ten.te: (132-135) 44.
Sacadura {Manuel Duarte }, 1.º sarg.to cadete: 117-118, 122, 130, 131-137, 147 e 149-150.
Salazar {Ant.º de Oliv.a}: 10, 16, 50, 87-88, 204, 216-217, 257, 292-294, 297 e 298.
Saldanha {Mar.al Duque de}: 291 e 299.
Sales {José Eduardo Mar.ns}, Ten. cor.el: 331-332.
Salgado {Ant.º Pinto Cardoso}, Ten. cor.el: 207.
" {Dep.to Bivar Xavier de Azevedo} coronel: 287, 288-289, 300, 321-323 e 339.
" {Julio Bivar}: 287-288.
Santos {Carlos M.a Pereira dos}, cor.el: 249.
" {Coelho dos), Ten.te, administ.or em Benafiel: 31, 31-32, 44-46, 51 e 167.
Sarmento {Julio de Morais}, gen.al: 293.
Seabra {Alfredo Baldaino de} major: 223
Sergio {António}: 159, 254-255, 256, 259 e 286.
Silva {Franc.º Vicente da}, Ten. c.el: 336, 338 e 358.
" {dr. João Serras e}, prof.or: 236-237.
" {José da}, Ten.te: 283.
" {D. José Correia de}: V. Leiria, bispo.
" {Pereira da}, almirante: 188.
" {D. Prudencia Tavares da Costa Serras e} 237.

Silveira {Alberto da), gen.al : 223.
Soares {Crispiniano}, c.el : 3-7.
Somberio {Carlos} : 376.
Sousa {Ant.o Gomes de), gen.al : 255-256.
" {Alfredo Botelho de}, almir.te : 188
Tabarda {dr. Vergilio} : 213.
Teles {Casimiro de Sousa}, cripto.s : 262, 289, 300, 304, 331-332.
Tinoco {Agostinho), prof.or do Liceu : 360-361.
Torres {Joaquim), cor.el : 95.
Vauzeller {Alex. Inacio de Barros} cor.el : 74, 91, 94-95, 117-118, 120-123, 128, 149-152 e 158.
Vasconcelos {dr. Ant.o Garcia Rib.o de} : 237.
Veiga {Alb.to Botelho da Costa} : 191-192 e 199-200
Viana {Cesario} cor.el : 247 e 301-302
" {José) jornalista : 261, 251-262.
Vieira {dr. Afonso Lopes} : 230.
Vital {dr. Fezas} : 29.

III

Varia

Abraantes : 264 e 268-341.
Academia Figueirense, colegio : 375-376.
Acção catolica : 113.
" de 11 de Agosto de 1829 : 24-25.

Aljubarrota : 254, 256, 259, 286, 289-290.
Alves Nova, da Louzã : 170, 181 e 343
Alto do Vizo, acção em 1847 : 299.
Aniversarios {Os meus} : 73 e 230.
Arquivo Hist.º Militar : 190, 273 e 275-277.
Arte e Arqueologia, revista : 168.
Assaiceira, batalha em 1834 : 25 e 291.
Associação Escolar da Vanguarda : 189, 196, 201-202 e 203.
Atoleiros {Combate dos} : 290, 291-292.
Barca de Alva : 62-69.
Batalhões Academicos de Coimbra : 362, 375-376 e 382-383.
Belas Artes {Exposição de}, em 1934 : 185-186.
Biblioteca Nacional de Lx.ª : 191-192.
Biblos, revista : 175-176.
Boialvo {Caminho de} : 291.
Boletim do Arq.º Hist.º Militar : 173 e 206.
Braga : procissão do enterro em 1933 : 78-79, 79-80
Bragança {Revolta em} : vide Revolta.
Brotéria, revista : 98.
Buçaco, batalha : 291.
Caldelas : 71.
Camisas azuis, fascismo português : 29-30, 43-46, 46-47, 51, 195-196.
" verdes, do Ant.º Ferro : 195-196, 198 e 201-203.
Camões e as "artes belicas", ensaio : ver :

Os conhecimentos militares de Camões.-
Campanha (A) do Vouga em 1919 : 171.
Capelães militares : 203.
Casal-Nova (Combate de) em 1811 : 291
Ceia dos Generais : 11-12, 18, 20-22 e 24.
Coimbra : Associação dos Artistas : 228.
" : Benção das pastas : 33-35.
" : Faculd.e de Letras : 13-14 e 237.
" : Festas da R.a Santa : 303.
" : Dia 8 de Maio : 194.
" : Museu Machado de Castro : 96-97.
" : Torre de Anto : 260-262 e 281.
" : " " S.ta Cruz : 241.
" : Universid.e Livre : 90, 97, 227 e 228.
Comercio (O) do Porto : 24.
Comissão de Hist.a Militar : 190.
Companhia de Jesus em Portugal : 1-2, 97 e 98.
Comunismo, em Portugal : 169, 189, 318-19, 329.
Congresso da Hist.a da Expansão Portuguesa no Mundo : 370-371.
Conhecimentos (Os) militares de Camões : 58
Constituição (A) politica de 1933 : 18-20, 53-54 e 253-254.
Cruz dos Marouços (Acção da) : 25 e 291.
Curso de ferias na Faculd.e de Letras : o de 1934: 209-210 e 210 ; — o de 1935 : 257-258.
Democracia : 189 e 383.
Distrito de Recrutamento e Reserva, n.o 2,

em Alhandra: 264, 269, 274, 291-292, 303, 311-317 e 323.
Eleições: em 1915: 223-224.
Enciclopedia (Grande) Portuguesa e Brasileira: 254-255, 256, 286, 289-290 e 342-343.
Entre-os-Rios: termas de S. Vicente: 61.
Escola central de Oficiais, Caxias: 243, 244, 246-247, 248-249, 249-252, 252-253 e 260.
" central de Sargentos, em Agueda: 245, 248 e 271.
" de Machado de Castro, Lisboa: 201-202.
Exercito: a disciplina: 184.
Fascismo, em Portugal: 13-14, 360 e 383-384.
Fatima: local: 306-307 e 324.
" {Senhora de}: 234 e 235.
Foz do Arouce: combate em 1811: 291.
Gazeta de Coimbra: 182.
Grande Guerra: a intervenção de Portugal, em 1917-1918: 265-266.
Grupo de Artelh.ª de Viana do Cast.º: 80-84 e 84.
Guerra civil em Espanha: 305, 307-309, 309-311, 318-319 e 328-331.
Historia de Portugal, ed.ª de Barcelos: 299.
" do Pensamento Portugues: 210, 211 e 213.
" (d) Maranhoa de Nun'Alvares: 102.

Ideias e metodos no exercito português: 211-213.
Infantaria nº 7 {O meu comando em}: 304, 318, 323-324, 335, 336-337, 341-342, 343-344, 345, 357-358, 361, 364-367, 372-375, 376-378 e 378-382.
Instituto de Coimbra: 198.
Legião Portuguesa: 376-378.
Leiria: cidade: 288, 324, 344-384.
" : Liceu Rodrigues Lobo: 360.
Liberd.e de Imprensa: 95-96.
Liga dos Combatentes da Grande Guerra, em Penafiel: 28, 372.
Lisboa: generalidades: 183.
" : Jardim zoologico: 200.
Lousada: 35.
Maçonaria em Portugal: 189.
Manifestação das espadas (1915): 220-221.
1834, artigo: 112, 152-153, 164-165 e 174.
Milicias portuguesas: 200.
Miranda do Corvo: centen.º da sua fundação: 334-335.
" " " : ver Oleiros...
" " " : a paisagem: 172
" " " : estudos ruens: 170, 291.
Nunalvares, chefe militar: 14-15, 15-16, 30, 37, 53, 58, 98, 98-102 e 199-200.
Oleiros de Miranda, opusculo: 51, 58, 168, 170-171 e 181.

Ordem de Aviz: o meu grande-oficialato: 325-328
Osorio (Premio Almir.te Augusto): 25.
Paz, Mafra: 214.
Penafiel: 1-70, 288 e 339.
" : a paisagem: 172.
" : Biblioteca Municipal: 27.
" : Policia politica: ver Policia.
Policia politica: em Penafiel: 2-7 e 8-10.
" " : " geral: 94-95 e 95-96.
Pombal (Monum.to ao Marquês de): 196-198.
Ponte da Mucela: 291.
Porto de Mós: a catastrofe em 1936: 345-357.
Portugal, jornal de Leiria: 358-359, 367-368.
Povo (O) de Aveiro, jornal: 30.
" " " Penafiel, jornal: 11-12, 20, 22, 263-64.
Promoção (A m.a) a coronel: 262-263 e 263-265.
Reacção ultramontana: 28, 33-35, 56-57, 112-114, 181-182, 284, 297, 303-304 e 376.
Redinha: combate em 1811: 291.
Reforma de instrução primaria: 284.
Reunião do curso de Inf.a: 207.
Revista Militar: 22-23, 26, 112, 164, 174, 175-176, 188-189 e 382.
Revolta dos cabos em Bragança, 1933: 90-91, 94-95, 105-106, 108-109, 114, 119-152 e 161-162.
" na Armada: set.o 1936: 319-320.
Santa-Comba-Dão: 257
Seára Nova: 159-160, 166, 258 e 382.

Semana das Colonias em 1833 : 48-50
Situação politica : 16-17, 31-32, 39-43, 52, 53-56, 59, 87-88, 94-95, 97, 169, 182, 189, 203-205, 233, 267-270, 274, 296-298 e 320
Tempo (O), jornal de Seuafiel : 17.
Torre do Tombo : 186-187.
Torres Vedras : combate de 1846 : 299.
Tribunal Militar do Porto : 62, 69, 70, 72, 73-87, 88-93, 102-104, 106-109, 114-118, 119-152 e 155-158.
União Nacional : 203 e 284-286.
Universidade Livre : vide Coimbra.
Valor (O) militar dos chefes na Guerra da Restauração : 58.
Valverde : combate em 1386 : 291.
Verdade (A), jornal de Pinhel : 95-96.
Versalhada varia : 321-323.
Vila da Praia : acção em 1829 : 291.

UNIVERSIDADE LIVRE DA VITÓRIA

Semana das Colonias em 1833 : 48-50.
Situação politica : 16-17, 31-32, 39-43, 52, 53-56, 59, 87-88, 94-95, 97, 169, 182, 189, 203-205, 233, 267-270, 270, 298-298 e 320.
Tempo (O), jornal de Penafiel : 17.
Torre do Tombo : 186-187.
Torres Vedras : combate de 1846 : 299.
Tribunal Militar do Porto : 62, 69, 70, 72, 73-87, 88-93, 102-104, 106-109, 114-118, 119-152 e 155-158.
União Nacional : 203 e 284-286.
Universidade Lima : vide Coimbra.
Valor (O) militar dos chefes na Guerra da Restauração : 58.
Valverde : combate em 1386 : 291.
Verdade (A), jornal de Pinhel : 95-96.
Verrathadas varias : 321-323.
Vila da Praia : acção em 1829 : 291.